

## Aspectos da negação na história das línguas românicas (Da natureza de palavras como *nenhum, nada, ninguém*)

ANA MARIA MARTINS  
(Universidade de Lisboa)

### 1. A “dupla negação”

No latim clássico, palavras como *nemo* ‘ninguém’, *nullus* ‘nenhum, não (enfático)’<sup>1</sup>, *nihil* ‘nada’ funcionavam só por si como marcadores negativos (visíveis) em intâncias de negação proposicional (cfr. exs. (1)-(2)). Da sua co-ocorrência com um outro item negativo resultavam proposições afirmativas (cfr. exs. (3)-(6)).

- (1) *Mihi neminem dederis* (Cícero, Ernout e Thomas 1953:153)  
(Não me dês ninguém)
- (2) *Is nullus venit* (Plauto, Ernout e Thomas, *ibidem*)  
(Ele não veio (mesmo))
- (3) *Nemo non benignus est sui iudex* (Sêneca, Bassols 1962:51)  
(Toda a gente é juiz benigno de si mesma)
- (4) *Quae res etiam non nullam afferebat deformitatem* (Ernout e Thomas, *ibidem*)  
(Aquela coisa trazia(-lhe) mesmo alguma fealdade)
- (5) *Nemo non uidet* (Cícero, Ernout e Thomas 1953:154)  
(Toda a gente vê)
- (6) *Nunquam nihil agit* (Ernout e Thomas, *ibidem*)  
(Está sempre a fazer alguma coisa)

No latim vulgar, no entanto, encontram-se já estas palavras a co-ocorrerem com outros itens negativos em frases que retêm uma interpretação negativa. Esta construção, tradicionalmente chamada de “dupla negação”<sup>2</sup>, atesta-se em autores como Plauto (sécs. III-II a. C.) e Petrónio (séc. I d. C.)<sup>3</sup>, bem como em fontes não literárias:

- (7) Iura te non nociturum ... nemini (Plauto, Ernout e Thomas, *ibidem*)  
(Jura que não farás mal a ninguém)
- (8) Neminem nihil [mulieribus] boni facere oportet (Petrônio, Ern. e Th. *ibidem*)  
(Ninguém deveria fazer(-lhes) nada (de) bom)
- (9) Et nulla fontes aquem non abebat (Inscrição tardia de África. Maurer 1959:212)  
(E nenhuma fontes tinham água)

Os indefinidos negativos passam assim a integrar o mesmo tipo de estrutura que os minimizadores<sup>4</sup>, como *gutta* 'gota', *mica* 'migalha, bocadinho', *res* 'coisa', etc., que terão sido de uso frequente no latim vulgar como elementos de reforço (ênfase) da negação (cfr. Maurer 1954:212). Vejam-se os seguintes exemplos:

- (10) Quoi neque paratast gutta certi consili (Plauto, Väänänen 1979: 240)  
(Que não tens nem "gota" de um propósito firme)
- (11) Non licet transversum digitum discedere (Cícero, Väänänen 1979: 240)  
(Não é permitido (alguém) afastar-se (nem) "um dedo atravessado")
- (12) Non vales uno coco (Época tardia. Väänänen 1979: 240)  
(Não vales "uma cochinilha")

A situação do latim vulgar mantém-se em época pós-latina. Nos romances antigos, os descendentes dos primitivos indefinidos negativos latinos (como o fr. e o cat. ant. *nul* 'nenhum' do lat. *nullus*) apresentam o mesmo tipo de sintaxe que os descendentes dos minimizadores (como o cat. *res* 'nada' / fr. *rien* / port. ant. *rem*, do lat. *res* 'coisa'; o port. e gal. *nada* / cast. *nadie*, do lat. *nata* 'nascida' (de *res nata*); o it. *mica* 'nada' / fr. ant. *mie*, do lat. *mica* 'migalha, bocadinho'; ou ainda, com incorporação de um morfema negativo, o rom. *nimic* 'nada', do lat. *ne mica*; o it. *niente* e o fr. ant. *nient* 'nada', do lat. *ne ente* 'nem ente'; o port. *nenhum* / cast. *ninguno* / cat. *ningú* / it. *nessuno*, do lat. *ne(c) unu* 'nem um'; ou o port. *ninguém*, do lat. *ne quem* 'nem alguém')<sup>5</sup>. Todos os indefinidos negativos, independentemente da sua base etimológica, co-ocorrem, em época antiga, com o marcador de negação predicativa, quer se encontrem em posição pós-verbal, quer se encontrem em posição pré-verbal:

- (13) port. Que nehûu nō scapou nen nehûa cousa que na vyla ouvesse  
(Crónica de 1344. Cintra 1954:107)
- port. Que avya grande vontade de nō leixar nenhûus do bando de Pompeio (Cr. de 1344. Cintra 1954:111)
- (14) gal. Nada non val (C.S.M.<sup>6</sup> 165.3. Mettman 1972:202)
- gal. Que lle nom custasse nada (C.S.M. 128.10. Mettman 1972:202)
- (15) cast. Que a myo Çid Ruy Diaz, que nadi nōl diessen posada (C.M.C.<sup>7</sup> 25.  
(Menéndez-Pidal 1948:910)
- cast. Fablo Muño Gustioz, non spero a nadi (C.M.C. 1481. Menéndez-Pidal 1946:953)
- (16) cat. Neguna vegada nos moch de son caval (Llorens 1929:89)
- cat. Nō avia negun refugi (Llorens 1929:91)
- (17) fr. Nus hom ne les peüst irier (Foulet 1930:245)
- fr. Plus de bien et d'onor font a ceus qui lor trahitor sont, et si ne

- s'en aperçoit nus (Foulet 1930:245)  
 fr. Nient ne nous vaut, vous en venrés (Foulet 1930:280)  
 fr. Se g'iere Deus, je feroie / lo siecle tot autrement, / et meilleur  
 gent i metroie, / car cist n'i valent neient. (Foulet 1930:280)  
 (18) ital. Gente neuna non v'arrivava (Meyer-Lübke 1900:777)  
 ital. Non li fece motto niente nè non fece rispondere (Meyer-Lübke  
 1900:780)

Em posição pré-verbal, no entanto, a presença do marcador de negação predicativa tornar-se-á opcional na maior parte dos romances:

- (19) port. Nenhuū podera seer emlegido a semelhante homrra (Fernão  
 Lopes, *Cr. D. João I*, parte I, 373)  
 port. Nehuū nom mostrava que era famiinto (Fernão Lopes, *Cr. D. João I*,  
 parte I, 270)  
 port. Nêhūu fala (*Imitatio Christi*. Posner 1984:15)  
 port. Nêhūu nō pode ser delas escusado (*Imitatio Christi*. Posner 1984:15)  
 (20) ital. Mai nessuno omo non si può guardare (Chiario Davanzati [escritor flo-  
 rentino do séc. XIII]. Posner 1984:21, n.23)  
 ital. Nesuna gioia creo - che'n esto mondo sia (Chiario Davanzati. Posner  
 1984:21, n.23)

Nos dialectos italianos centro-meridionais a situação é de oscilação já nos textos do século XIII, como mostra (20); além disso, a construção de "dupla negação" ocorre já então com muito menor frequência que a construção alternativa; a partir do século XIV a situação moderna aparece estabelecida. O mesmo acontece no sardo. Um quadro diferente apresentam as línguas ibéricas, o occitano, o francês, o reto-romance e os dialectos italianos setentrionais, ou seja, as línguas nascidas do latim vulgar da România Ocidental<sup>8</sup>. Nestas, a "dupla negação" atesta-se, em geral, nos textos mais antigos, não se definindo claramente a situação de oscilação senão a partir no século XV (e só nas variedades mais inovadoras)<sup>9</sup>. Podemos perguntar-nos, por isso, se terá existido nalgum momento uma unidade panromânica. Apesar do contraste notado entre a área da România ocidental e a área da România Oriental no que diz respeito à evidência fornecida pelos textos medievais, tem-se admitido que a "dupla negação" obrigatória seria uma característica do proto-romance, pelo que todas as línguas teriam evoluído a partir de uma mesma situação primitiva. Nesse sentido se pronuncia R. Posner (1984):

We may now ask how far this new scenario we have sketched squares with that which assumes that the pattern with obligatory preverbal 'non' was the original one. The simple answer would be that the Italian-type pattern reflects a more learned Latin usage, whereas the Proto-Romance pattern is more popular. Even though Italian texts show little of the sociolinguistic variation one might have expected as part of this story, the argument is reasonably convincing, in that influence of Latin syntax has been felt more strongly in Central and Southern Italy than elsewhere. (Posner 1984:19)

Os mais antigos textos românicos da antiga Dácia datam do século XVI, pelo que se desconhece que características teria, no aspecto relevante, o (daco-)ro-

meno do período medieval – identificar-se-ia com a restante área românica oriental (italiano centro-meridional e sardo)? Nos textos do século XVI, um indefinido negativo pré-verbal pode estar ou não acompanhado do marcador de negação predicativa:

- (21) rom. Nimea nu se sui la ceriu (Evangelho. Camus 1988:128)  
(Ninguém sobe ao céu)  
rom. Nimeni are a sedea de-a-dreaptă (Texto de 1581. Posner 1984:12)  
(Ninguém deve sentar-se à direita)

Presentemente, pelo contrário, a “dupla negação” tem carácter obrigatório no romeno, que assim apresenta uma evolução que se opõe ao sentido da mudança registada nas restantes línguas românicas – e que tem sido atribuída a influência eslava:

- (22) rom. Nimeni nu văzu nimic (Bernini e Ramat 1996:172)  
(Ninguém viu nada)  
rom. \*Nimeni văzu nimic  
rom. Nimeni nu a venit (Posner 1984:11)  
(Ninguém veio)  
rom. \*Nimeni a venit

Em consequência deste processo evolutivo, o romeno coincide hoje, no aspecto relevante, com os dialectos românicos ocidentais mais conservadores. A maior parte dos dialectos reto-românicos (friulano, engadino, ladino) bem como os dialectos italianos do nordeste (duma área que se estende até Bolonha e inclui os dialectos véneto e emiliano) continuam a usar consistentemente, como no período medieval, o marcador de negação predicativa com indefinidos negativos pré-verbais:

- (23) friulano Nuje no'l sa (Posner 1984:11)  
(Ele nada sabe)  
(24) engadino Ningür nun ais (Posner 1984:11)  
(Ninguém tem)  
(25) ladino Degügn ne pretënd che vignun sâis da scri ladin senza n fâl (Posner 1984:12)  
(Ninguém pretende que toda a gente sabe escrever ladino sem um erro)  
(26) ital. dialectal Nissun non a pi fé (Camus 1988:141, citando Pellegrini 1977)

O catalão, por sua vez, mantém ainda hoje a situação de opcionalidade (a que chegou no final da Idade Média) no que diz respeito à presença do marcador de negação predicativa:

- (27) cat. Res funciona (Vallduví 1994: 274)  
cat. Res no funciona (Vallduví 1994: 274)  
cat. Ningú m'ha vist (Badia Margarit 1962:40)  
cat. Ningú no m'ha vist (Badia Margarit 1962:40)

Nas línguas românicas mais inovadoras, como o castelhano, o italiano, o português e o galego<sup>10</sup>, o marcador de negação predicativa deixou de poder ocorrer com um indefinido negativo pré-verbal<sup>11</sup> (veja-se, nomeadamente, o contraste entre as frases do catalão em (27) e as frases do castelhano em (28)):

- (28) cast. Nada funciona (Vallduví 1994: 276)  
 cast. \*Nada no funciona  
 cast. Nadie me ha visto (Badia Margarit 1962:40)  
 cast. \*Nadie no me ha visto  
 (29) it. Niente gli fa piacere (Manzotti e Rigamonti 1991:264)  
 it. \*Niente no gli fa piacere (Manzotti e Rigamonti 1991:264)  
 (30) port. Ninguém sabe o que se passa  
 port. \*Ninguém não sabe o que se passa  
 (31) gal. Nada quero de vostede (Álvarez, Regueira e Monteagudo 1986:458)  
 gal. \*Nada no quero de vostede

Diferentemente dos indefinidos, o advérbio temporal *nunquam*, a avaliar pelo comportamento dos seus descendentes românicos, não ocorreria em construções de “dupla negação” no latim vulgar. Na verdade, o port., cast. e cat. ant. *nunca*, bem como o occitano antigo *no(n)ca*, quando em posição pré-verbal, não se atestam, geralmente, em co-ocorrência com o marcador de negação predicativa durante todo o período medieval (cfr. Posner 1984:15,18<sup>12</sup> e Camus 1988:136-137, 146-147, 332-333, 434). Assim, os descendentes de *nunquam* não serão considerados neste trabalho<sup>13</sup> em que se procurará caracterizar, do ponto de vista sintático, a mudança que, em época românica<sup>14</sup>, conduzirá ao desaparecimento da “dupla negação” herdada do proto-romance, nas estruturas em que o indefinido negativo precede o verbo:

‘Nenhum / nada / ninguém - não - V’  
 ↓  
 ‘Nenhum / nada / ninguém -(não) - V’  
 ↓  
 ‘Nenhum / nada / ninguém - V’

## 2. Itens de polaridade fracos

No período medieval e clássico, e em todas as línguas românicas, palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém* ocorrem com frequência em contextos nos quais não estão associadas a uma interpretação negativa. Nomeadamente em: construções com verbos modais (v. exs. (32) a (34)) ou com predicados de “proibição” e “dúvida” (v. exs. (35) a (37)); frases interrogativas (v. exs. (38) a (40)); frases de modalidade imperativa (v. ex. (41)); construções hipotéticas, condicionais (v. exs. (42) a (47)) ou concessivas (v. ex. (48)); construções comparativas (v. exs. (49)-(52)) e outras construções de graduação (envolvendo advérbios de “quantificação”) - v. ex. (53)<sup>15</sup>; construções temporais introduzidas por “antes que” (v. ex. (54)); construções genéricas (v. ex. (55))<sup>16</sup>:

- (32) port. De guisa que hu tantas virtudes aviam morada, aadur podia nehuũ cuidar, que viçio alguũ podesse seer hospede (Fernão Lopes, *Cr. D. João I*, parte I, 374)
- (33) port. Mas Africa dirá ser impossibil / Poder ninguem vencer o rei terribil (Camões. Dias 1918:307)
- (34) cast. Hacedme entender como puede ningun criado alcanzar tanta priuanza (Keniston 1937:610)
- (35) port. E por decreto publico foi defeso que ninguem navegasse (João de Barros. Said Ali 1931:99)
- (36) cast. Por la qual está proiuido que ninguna muxer que no sea noble pueda traer de seda el tocado (Keniston 1937:612)
- (37) cast. Que tan dudoso de bien ninguno y cierto de toda tribulación! (Keniston 1937:612)
- (38) port. Viste-me nunca andar em demanda com ninguém senão hũa em Santarem? (Gil Vicente. Said Ali 1931:201)
- (39) cast. ¿Que sabe nadie de la manera que toca Dios a cada uno? (Keniston 1937:610)
- (40) fr. Cuidiez vous, se me disiiez / vostre conseil celeement / que jel deïsse a nule gent (Foulet 1930:245)
- (41) gal.-leonês E acotolos que ningun omne que en suas heredades nin en seus omnes metir mano o en aquesto queles mando el rey, que peyte mil mors. e perda quanto ouer (Foros de Castelo Rodrigo I, I. Cintra 1959:22)
- (42) cast. Si ningun hombre quisiere escribir...no bastasen plumas (Keniston 1937:611)
- (43) cast. Si acaso acaeçieu ninguna rebuelta, yo dire a Finoya que no se altere (Keniston 1937:611)
- (44) fr. S'il i a nul so hardit / qui s'esmueve de joie fere, / ...il le fera prendre ou desfere (Foulet 1930:245)
- (45) it. E s'egli avesse konperato o ricevete karte di neuno peço di tera ki'avesse konperato (Doc. Notarial fiorentino. Camus 1988:433; ex. extraído de Peira 1979)
- (46) it. Se il mio marito disse nulla (Meyer-Lübke 1900:778)
- (47) cat. Si sarayns fugen o nul hom los troba ans que ayen pasat Lobregat e'ls reté (*Usatges de Barcelona*. Camus 1988:433; ex. extraído de Peira 1979)
- (48) cast. Por mucho que se aparte nadi de su natural, a la postre alli buelvé (Keniston 1937:611)
- (49) cast. mas quieren la conversacion que nada (Keniston 1937:611)
- (50) cast. desean que sus obras sean más perfectas que ningunas otras (Keniston 1937:611)
- (51) cast. El que...es bueno, en más se ha de tener que a ningú cónsul romano (Keniston 1937:611)
- (52) cast. Antes consentiré sacarme la lengua...que diga palabra con que a ninguno ofenda (Keniston 1937:611)

- (53) cast. Poco vos cumple a vos saber de mi fidalguía nada (*Primera Crónica General*. Bosque 1980:67, citando Wagenaar 1930:53)
- (54) cast. antes que nadie se lo demandase yo lo avia [y]a prometido (Keniston 1937:611)
- (55) it. ogni volta che niente sentite (Meyer-Lübke 1900:778)

As estruturas de que as frases (32) a (55) são exemplo são aquelas que Bosque (1996) considera constituírem contextos de legitimação daquilo a que chama “termos de polaridade modal (TPM)”. Segundo Bosque, polaridade negativa e polaridade modal são casos particulares de polaridade. Enquanto os itens de polaridade negativa são legitimados em contextos negativos, os itens de polaridade modal são legitimados em “contextos modais”, mas a polaridade é, em qualquer dos casos, “um tipo de concordância de traços com restrições gramaticais uniformes”. Palavras “inerentemente não-específicas” como *cualquier*<sup>17</sup> ou *siquiera* são, no castelhano moderno, itens de polaridade modal<sup>18</sup>. Como mostram os contrastes de gramaticalidade entre as frases (a) e (b) abaixo estas palavras (bem como outros TPMs – v. (57)) precisam de ocorrer num contexto que as legitime. De acordo com Bosque, a quem pertencem os exemplos (56) a (62), *cualquier*, *siquiera* e outros TPMs são legitimados por “indutores modais (IM)” que podem ser “predicados com traços inerentes” como o verbo modal em (56) ou o verbo *rechazar*<sup>19</sup> em (57); “indutores modais irrealis”, como as modalidades interrogativa, imperativa e hipotética (condicional) de (58) a (61); ou construções genéricas como as que incluem predicados “de nível individual” – v. (62) e nota (16):

- (56) a. \*Entró por la ventana cualquier ladrón.  
b. [<sub>IM</sub> Pudo] entrar por la ventana [<sub>TPM</sub> cualquier] ladrón.
- (57) a. \*Alcanzaron un acuerdo que conllevara mayores compromisos.  
b. [<sub>IM</sub> Rechazaron] un acuerdo [<sub>TPM</sub> que conllevara mayores compromisos].
- (58) a. \*He escrito cualquiera de mis ideas.  
b. ¿Has escrito acaso cualquiera de tus ideas?
- (59) a. \*Me dio siquiera una oportunidad.  
b. Dame siquiera una oportunidad.
- (60) a. \*Contigo me fui a cualquier lugar recóndito.  
b. Contigo me [<sub>IM</sub> iría] a [<sub>TPM</sub> cualquier] lugar recóndito.
- (61) a. \*Te llamó siquiera una vez.  
b. [<sub>IM</sub> Si ] la vieras [<sub>TPM</sub> siquiera] una vez.
- (62) a. \*Está sumergido en cualquier líquido.  
b. Es submergible en cualquier líquido.

Tendo em conta a proposta de Bosque (1996), podemos admitir que nos romances medievais palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém* eram itens de polaridade que não impunham restrições no que diz respeito à natureza negativa ou modal dos seus indutores. Podiam assim ser legitimados quer em contextos negativos, onde adquiriam interpretação negativa, quer em contextos modais, onde estariam associados a uma interpretação positiva como nas frases (32) a (55) acima.

Na literatura semântica (van der Wouden 1993; Sánchez Valencia, van der Wouden e Zwarts 1993; Jackson 1994; Zwarts 1995) tem sido proposta uma distinção entre "itens de polaridade fracos" e "itens de polaridade fortes" que tem origem, precisamente, na observação de que certos itens de polaridade impõem restrições mais fortes do que outros no que diz respeito ao tipo de contextos em que ocorrem. Assim, o inglês *any*, que tem o comportamento típico de um item de polaridade fraco, é legitimado em contextos em que não é permitido o holandês *ook maar*, o qual tem as características de um item de polaridade forte:

- (63) a. Few students have any apples (Jackson 1994:97)  
(Poucos estudantes têm algumas maçãs)  
b. No student has any apples (Jackson 1994:97)  
(Nenhum estudante tem quaisquer/nenhumas maçãs)
- (64) a. \*Weinig kinderen hebben ook maar iets gezien (Jackson 1994:98)  
(Poucas crianças viram alguma coisa)  
b. Niemand geeft een kind ook maar iets waaraan het zich kan bezeren  
(Jackson 1994:103)  
(Ninguém dá a uma criança nada/alguma coisa com que possa ferir-se)

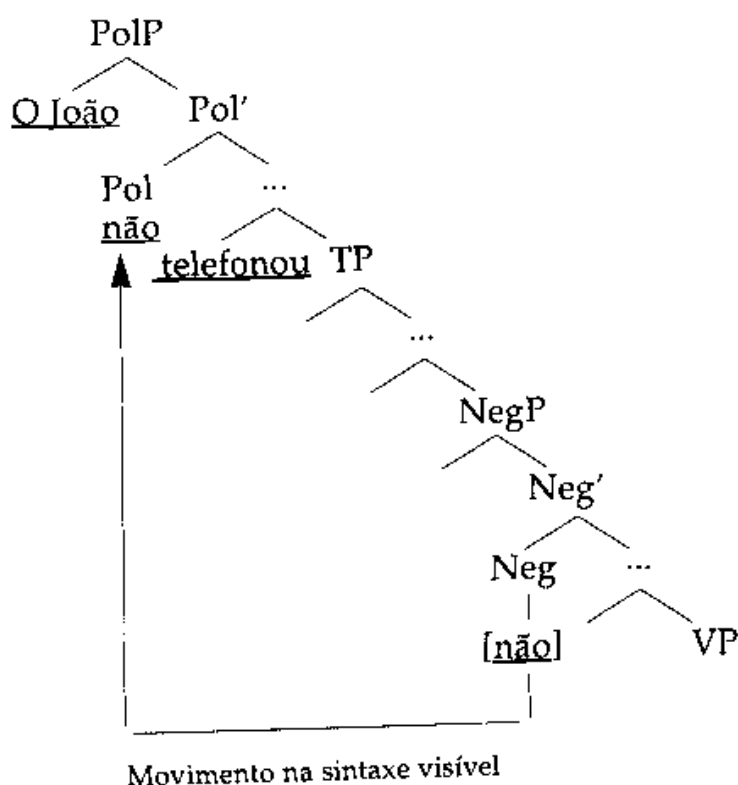
Basicamente, os itens de polaridade fortes são legitimados apenas em contextos negativos, enquanto os itens de polaridade fracos são legitimados não só em contextos negativos mas também no tipo de contextos que Bosque (1996) designa por modais (cfr. Giannakidou 1993, 1994<sup>20</sup>) e que são aqueles em que, nos romances medievais, ocorrem sem valor negativo palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém*. Estas comportam-se pois como itens de polaridade fracos. No texto que se segue procurarei caracterizar em termos sintáticos, no quadro da teoria minimalista<sup>21</sup>, os itens de polaridade fracos<sup>22</sup>, tendo como referências fundamentais os trabalhos de Zanuttini (1994) e Rooryck (1994).

Zanuttini (1994) propõe que a estrutura de frases negativas inclui duas projecções sintáticas que, em conjunto, asseguram a expressão da negação proposicional. Uma delas é uma projecção lexical, NegP, onde são gerados quer o marcador de negação predicativa quer os indefinidos negativos, como *nenhum*, *nada*, *ninguém*. A outra é uma projecção funcional, PolP, cujo núcleo contém traços de polaridade<sup>23</sup> (negativos, no tipo de frase relevante) os quais têm de ser verificados por um elemento lexical apropriado (i. e., contendo traços idênticos aos de Pol). Os traços-neg de Pol podem ser fortes ou fracos o que determina que a verificação dos mesmos seja feita, respectivamente, antes ou depois de *Spell-out* (cfr. Chomsky 1993, 1995). Assim, nas línguas em que os traços-neg são fortes um

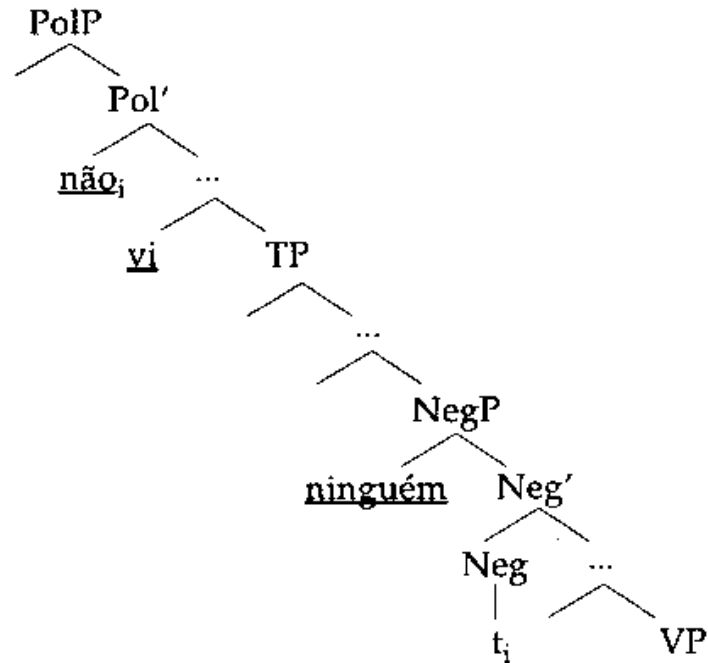


elemento lexical negativo terá de mover-se para o domínio de PolP na sintaxe visível. Esse elemento poderá ser o marcador de negação predicativa, gerado como núcleo de NegP – v. (65) e (66)<sup>24</sup> – ou uma palavra negativa gerada na posição de [Spec, NegP], como em (67) (em que o núcleo de NegP é vazio). Em qualquer dos casos, porque o verbo sobe para uma posição mais baixa do que Pol, a ordem ‘item negativo-verbo’ será derivada. Todos os romances antigos têm estas características; modernamente conservam-nas o português, o galego, o castelhano, o catalão, o italiano (*standard*) e o romeno. Em contraste com estas, as línguas românicas contemporâneas em que os traços-neg de Pol são fracos (franco-provençal, occitano e alguns dialectos italianos setentrionais<sup>25</sup>) constroem frases com a ordem ‘verbo-item negativo’ por o movimento do item negativo para o domínio de PolP (para verificação de traços) não ocorrer na sintaxe visível – ver (68).

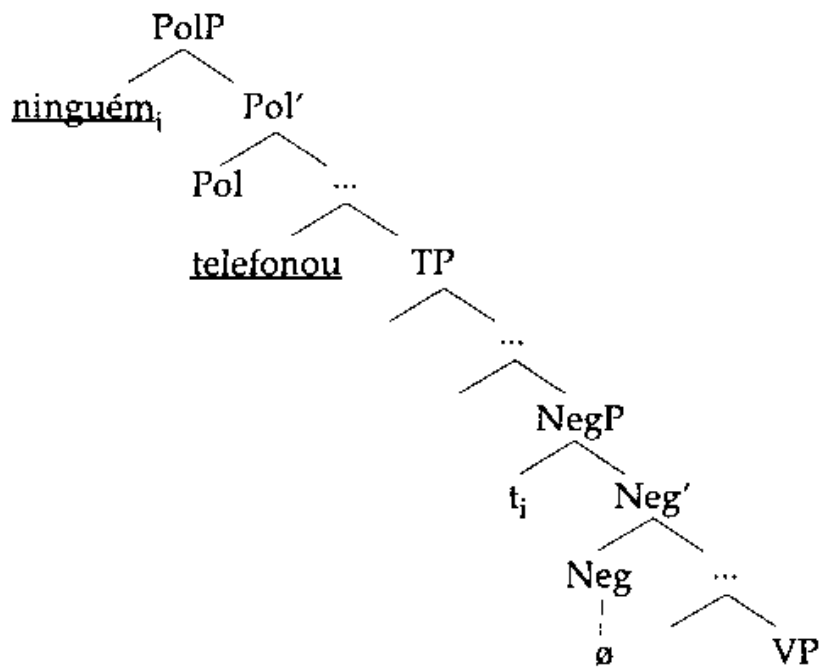
- (65) O João não telefonou, Juan no ha llamado, Gianni non ha telefonato, etc.  
(Zanuttini 1994:431)



- (66) Não vi ninguém, No he vist ningu, No ho visto nessuno, Nu am vazut pe nimeni, etc. (Zanuttini 1994:441)

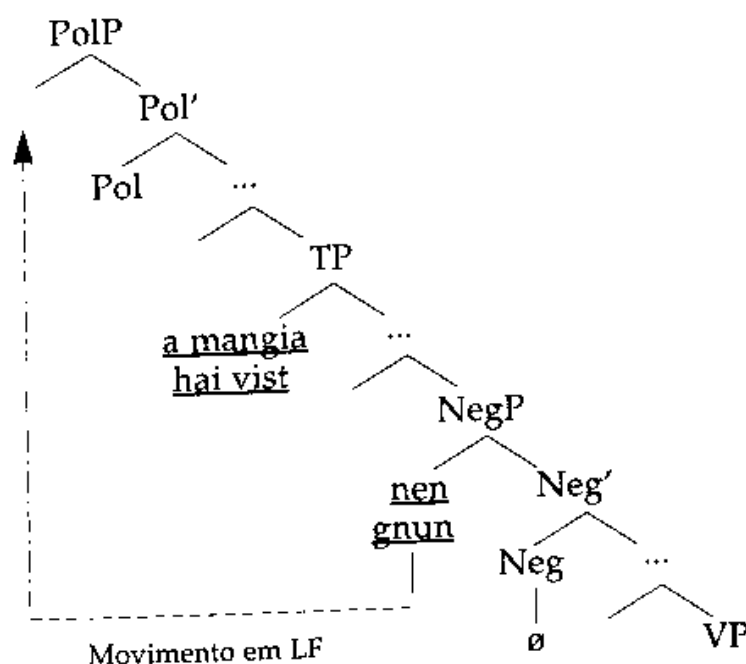


- (67) Ninguém telefonou, Nadie ha llamado, Nessuno ha telefonato, etc. (Zanuttini 1994:441)



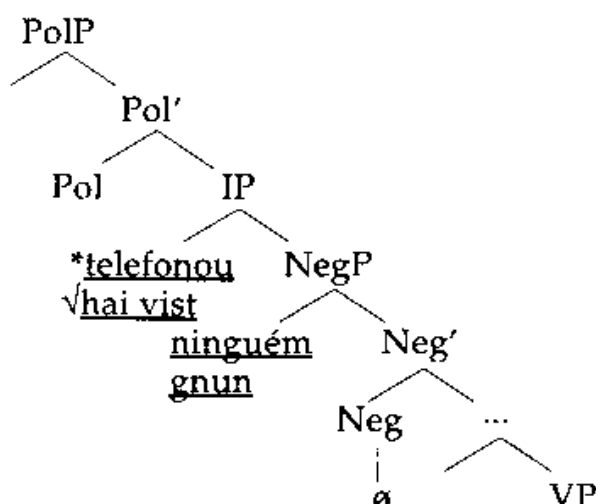
(68) Maria a mangia nen (Piemonte), Lo film l'ère pa dzen (Vale d'Aosta), etc.  
(Zanuttini 1994:433)

I l'hai vist gnun (Piemonte), Dz'i gneuna experience (Vale d'Aosta), etc.  
(Zanuttini 1994:433)



A análise de Zanuttini (1994) é capaz de dar conta de forma elegante de dois tipos de contraste de gramaticalidade entre frases com indefinidos negativos. O contraste de gramaticalidade entre as línguas do tipo do português e as línguas do tipo do piemontês no que diz respeito a frases que têm como único elemento lexical negativo um indefinido pós-verbal – v. (69) – é explicado por nas primeiras, mas não nas segundas, os traços-neg fortes de Pol precisarem ser verificados por um item lexical apropriado na sintaxe visível. Por outro lado, dentro das línguas como o português, o contraste de gramaticalidade entre frases que têm como único elemento lexical negativo um indefinido pré-verbal – v. (67) – e frases que têm como único elemento lexical negativo um indefinido pós-verbal – v. (69) – explica-se por nas primeiras, mas não nas segundas, o indefinido negativo ser capaz de verificar os traços-neg fortes de Pol por se ter movido para o seu domínio.

(69) \*Vi ninguém ≈ I l'hai vist gnun (piemontês)



A análise de Zanuttini (1994) deixa, no entanto, por explicar a agramaticalidade em várias línguas românicas modernas de frases como (70) – cfr. (13) a (18) e (28) a (31) acima:

(70) \*Ninguém não veio.

Assumirei aqui, sem propor uma implementação técnica da posição que adopto, que a agramaticalidade de (70) se deve a razões de economia<sup>26</sup>. A presença de *não* em (70) é desnecessária já que os traços-neg de Pol são verificados por *ninguém* antes de *Spell-out*. Assim sendo, a presença de *não* em frases como (70) não é permitida (adoptada uma perspectiva minimalista em que princípios de economia têm um papel central).

Cabe então perguntarmo-nos porque eram frases como (70) gramaticais na generalidade dos romances antigos (continuando a sê-lo em algumas línguas românicas modernas). A hipótese que defenderei é a de que a natureza dos indefinidos negativos no que diz respeito à sua constituição morfológica não é a mesma nos romances antigos e nas actuais línguas românicas. Concretamente, proponho que os indefinidos negativos eram, nos romances antigos, subespecificados no que diz respeito ao valor de certos traços de polaridade e admito que essa subespecificação é, do ponto de vista sintáctico, a característica crucial dos itens de polaridade fracos (opondo-os aos itens de polaridade fortes). Antes de avançar na apresentação desta análise, é-me indispensável introduzir as noções de 'subespecificação- $\alpha$ ' e 'subespecificação-0' que adopto de Rooryck (1994), juntamente com a ideia de que um sistema de traços com três valores, ' $\alpha$ ', '0', '+' (excluindo pois '-'<sup>27</sup>) é (teórica e empiricamente) adequado quer em fonologia, quer em sintaxe.

We would first like to show that two types of underspecified features should be distinguished in syntax and phonology. More in particular, it will be argued that there is a difference between *variable* underspecified features ( $\alpha$ -features) and *nonvariable* underspecified features (0-features). "Nonvariable" or 0-features should be thought of as "neutral" features: they have no positive or negative value for a given feature, they simply mark the absence of a specific feature *value*. In terms of an Attribute - Value feature system, this means that a given feature has an Attribute specification without a Value. More specifically, a 0-feature for [person] can be represented with the Attribute [person : ], while a positively specified feature for person can be represented with both an Attribute and a Value [person : 1st]. The second type of syntactically underspecified  $\phi$ -features, which I introduced as *variable* underspecified features should be thought of as 'chameleonlike' features, or  $\alpha$ -valued  $\phi$ -features: these features have [ $\alpha$  person,  $\alpha$  gender,  $\alpha$  number] values, that is, they are sensitive to *any* value of person, gender, number. "Variable" or  $\alpha$ -features do not have a value of their own: their value needs to be "filled in" by the features of the elements surrounding them<sup>28</sup>. (Rooryck 1994:209)

Tem sido assumido na literatura que a categoria funcional Pol (ou a correspondente ' $\Sigma$ ') contém ou traços negativos, ou traços afirmativos, ou outros, de acordo com o tipo de frase cuja estrutura integra. Assim, Laka (1990) postula diferentes instanciações para a categoria relevante, nomeadamente, 'Neg' (em frases negativas), 'Aff' (em frases afirmativas), 'Imp' em frases imperativas. Admitamos, em vez disso, que Pol contém sempre o mesmo conjunto de traços, de 'afirmação' (af), 'negação' (neg) e 'modalidade' (mod) e que é da diferente especificação (ou subespecificação) do valor destes traços que resultam as diferentes interpretações associadas a diferentes tipos de frases. (Alternativamente, mas com idênticas consequências em relação à análise que apresentarei, poderíamos pensar que Pol contém traços de 'polaridade' cuja natureza é definida pela atribuição de um Valor a cada um de três Atributos: 'afirmação', 'negação', 'modalidade'). De acordo com a perspectiva que estou a propor, numa frase declarativa afirmativa (como "o gato fugiu") Pol será especificado como [+ af, 0 neg, 0 mod]; numa frase declarativa negativa (como "o gato não fugiu"), Pol será [0 af, + neg, 0 mod]; numa frase interrogativa positiva (como "o gato fugiu?"), Pol será [0 af, 0 neg, mod:'int'] e assim por diante. A especificação positiva de 'af' ou 'neg' corresponderá sempre à atribuição do valor '+'; a especificação positiva de 'mod' corresponderá à atribuição de diferentes valores: 'int(errogativa)', 'imp(erativa)', etc. A subespecificação de um traço por atribuição ao mesmo do valor '0' implicará que Pol é neutro (não-ativado) no que diz respeito à expressão do tipo de interpretações associadas a esse traço. Assim, um Pol '0 neg', por exemplo, não potencia a expressão da negação proposicional. Se um item lexical negativo ('+ neg') é movido para o domínio de Pol-[0 neg] haverá colisão de traços e uma derivação abortada.

Consideremos agora qual seria a especificação em termos de traços morfológicos dos indefinidos do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* nos romances antigos, ou seja, das palavras que identificámos como itens de polaridade fracos. Recordemos que em época primitiva co-ocorriam necessariamente com o marcador de negação predicativa (*não*), ainda que precedessem o verbo. Recordemos, por outro lado, que estas palavras ocorriam quer em contextos negativos, onde tinham interpretação negativa, quer em contextos modais, onde estavam associados a interpretações positivas. Dados estes factos, a hipótese que

naturalmente se configura é a de que a sua matriz morfológica integrasse traços subespecificados de valor variável (traços- $\alpha$ ) no que diz respeito a 'negação' e 'modalidade', ou seja os itens de polaridade fracos do proto-romance e dos romances primitivos seriam [0 af,  $\alpha$  neg,  $\alpha$  mod] sendo os valores de 'neg' e 'mod' "preenchidos" (determinados) de acordo com o contexto (morfo-sintático) em que os referidos itens ocorressem, do que resultariam as diferentes interpretações a eles associadas (compare-se o conjunto de frases (13) a (18) ao conjunto (32) a (55)). O "preenchimento" do valor de um traço- $\alpha$  dependerá, no entanto, do estabelecimento de uma relação de concordância entre o item que o contém e um outro item com uma especificação positiva para o mesmo traço. A relação de concordância é "mediada" pela categoria funcional Pol, mas esta só por si não pode "preencher" o valor subespecificado de um elemento no seu domínio. Assim sendo, um item com traços subespecificados do tipo- $\alpha$  movido para o domínio de Pol não é capaz de verificar os traços correspondentes, positivamente especificados, de Pol. Concretizando, observemos o contraste de gramaticalidade entre o português antigo e o português moderno exemplificado por (71):

- (71) a. port. ant. nenhũ nõ scapou (cfr. (13) acima)  
 b. port. mod. \*ninguém não escapou

O indefinido negativo em (71b) é um item de polaridade forte com traços-neg positivamente especificados, pelo que é capaz de verificar os traços correspondentes de Pol. A agramaticalidade de (71b) resulta como dissemos acima da violação de princípios de economia dada a "superfluidade" de *não*. Pelo contrário, o indefinido *nenhũ* em (71a) é subespecificado no aspecto relevante. Sendo [ $\alpha$  neg], o indefinido não pode verificar o traço [+ neg] forte de Pol (ainda que não haja colisão de traços dado o carácter, por definição, "transparente" dos traços- $\alpha$ <sup>29</sup>). Só o movimento do item lexical *nõ*, o núcleo de Neg, para Pol conduzirá a uma derivação convergente. Uma vez que *nenhũ* e *nõ* estarão numa relação de especificador-núcleo no domínio de Pol, *nenhũ* por concordância com *nõ* tomará deste o valor '+' para o traço 'neg', adquirindo assim interpretação negativa.

### 3. Itens de polaridade fortes e itens de polaridade modal:

Retomemos o esquema apresentado no final da secção 1 para dar conta de um dos aspectos da mudança que nos ocupa:

- I. 'Nenhum / nada / ninguém -nãõ - V'  
 ↓  
 II. 'Nenhum / nada / ninguém -(nãõ) -V'  
 ↓  
 III. 'Nenhum / nada / ninguém - V'

De acordo com a análise avançada em 2, a passagem da fase I para a fase III, corresponderá à reanálise dos itens de polaridade fracos (' $\alpha$ -neg') do proto-romance e dos romances primitivos como itens de polaridade fortes ('+ neg'). Numa fase intermédia (II), as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* terão sido

lexicalmente ambíguas (entre itens de polaridade fracos e itens de polaridade fortes)<sup>30</sup>, do que decorre a aparente opcionalidade de *não*. Modernamente, o catalão mantém esse estágio. Assim, na frase (72), com *no*, *ningú* é o item de polaridade fraco (' $\alpha$  neg'), mas na frase (73), sem *no*, *ningú* é o item de polaridade forte ('+ neg').

(72) *Ningú no* m'ha vist (= (27))

(73) *Ningú* m'ha vist (= (27))

Não há pois, verdadeiramente, opcionalidade no que diz respeito à presença do marcador de negação predicativa. Este terá de estar presente quando um indefinido-[ $\alpha$  neg] é projectado e não será permitido quando é projectado um indefinido-[+ neg].

Dado que no catalão moderno as palavras *ningú*, *res*, *cap*, *gens* são lexicalmente ambíguas, esperaremos que enquanto itens de polaridade fracos possam ocorrer em contextos modais associadas a interpretações não-negativas, como acontecia nos romances medievais (ver exs. (32) a (55)). Que assim é mostram-no as frases interrogativas, condicionais e imperativa dadas em (74) a (79)<sup>31</sup>:

(74) Ha vingut *ningú* aquesta tarda? (Badia Margarit 1962: 41)

Veio ninguém esta tarde?

'Veio alguém esta tarde?'

(75) Hi ha *res* de nou? (Badia Margarit 1962: 41)

Há nada de novo?

'Há alguma coisa de novo?'

(76) Demana-li si en sap *res* (Badia Margarit 1962: 41)

Pergunta-lhe se sabe nada

'Pergunta-lhe se sabe alguma coisa'

(77) Si hi trobeu *cap* defecte, digueu-m'ho (Badia Margarit 1962: 41)

Se encontrarem nenhum defeito, digam-me

'Se encontrarem algum defeito, digam-me'

(78) Si et donen *res*, no ho prenguis (Badia Margarit 1962: 41)

Se te derem nada, não aceites

'Se te derem alguma coisa, não aceites'

(79) Porta'n *gens*, i veurás cómo se'l mengen (Badia Margarit 1962: 42)

Traz nada/nenhum, e verás como o comem

'Traz algum (um pouco), e verás como o comem'

Nestes contextos, as palavras relevantes estão em competição com os correspondentes indefinidos positivos, os quais, segundo Vallduví (1994:289), são preferidos pelas gerações mais jovens. Coexistem pois no catalão moderno, com idêntica interpretação, as frases (a) e (b) de (80)-(81)<sup>32</sup>:

(80) a. Que vols menjar *alguna cosa*? (Vallduví 1994:289)

b. Que vols menjar *res*? (Vallduví 1994:289)

(81) a. Si vols menjar *alguna cosa*, avisa'm. (Vallduví 1994:289)

b. Si vols menjar *res*, avisa'm. (Vallduví 1994:289)

Quando comparado com o catalão, o português (europeu) aparece como uma língua em que a mudança que temos vindo a observar se encontra completada. Assim, os indefinidos *nenhum*, *nada*, *ninguém*, quando pré-verbais, não podem co-ocorrer com *não*. Concordantemente, não são legitimados em contextos modais, nos quais deixaram, pois, de estar em competição com os indefinidos “positivos”:

- (82) Nada lhe agrada
- (83) \*Nada não lhe agrada.
- (84) a. \*Chegou ninguém?
- b. Chegou alguém?
- (85) a. \*Se precisares de nada, diz-me.
- b. Se precisares de alguma coisa, diz-me.
- (86) a. \*Duvido que venha ninguém. (Cfr. (100) e (107) abaixo)
- b. Duvido que venha alguém.
- (87) a. \*Prefiro ficar aqui que ir a nenhum sítio, com este tempo de chuva. (Cfr. (103) e (109) abaixo)
- b. Prefiro ficar aqui que ir a algum sítio, com este tempo de chuva.

A perda do carácter lexicalmente ambíguo de *nenhum*, *nada*, *ninguém* e sua “fixação” como itens de polaridade fortes parece, no entanto, ser recente. Na verdade, podemos admitir que o português do século XIX seria idêntico ao catalão, tendo em conta que a “dupla negação” se atesta em Garrett, como mostra (88), e que *nenhum* ocorre sem interpretação negativa, portanto num contexto modal, em Herculano<sup>33</sup> – (89):

- (88) Mas se o engenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha criação, o poder de nenhum homem só não virá a cabo dela nunca. (Garrett, *Doutrinas de Estética Literária*, p.55)
- (89) Eles estavam bem livres de ser nenhuma dessas cousas (Herculano. Dias 1918:307)

Outras línguas românicas, como o castelhano, o galego e o italiano parecem levantar dificuldades em relação à análise aqui apresentada. Estas línguas ainda que, tal como o português, não admitam a “dupla negação”<sup>34</sup> no contexto relevante (ver exs. (90) a (95)) legitimam as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém*, sem interpretação negativa, em contextos modais<sup>35</sup> (ver frases (96) a (111), cujas versões portuguesas seriam, note-se, agramaticais):

- (90) cast. Nadie me ha visto (= (28))
- (91) cast. \*Nadie no me ha visto (= (28))
- (92) gal. Nada quero de vostede (= (31))
- (93) gal. \*Nada no quero de vostede (= (31))
- (94) it. Niente gli fa piacere (= (29))
- (95) it. \*Niente no gli fa piacere (= (29))
- (96) it. é venuto nessuno? (Cfr. “é venuto nessuno”. (Bernini e Ramat 1996:37)  
‘Veio alguém?’



- (97) it. Si domandava se sarebbe venuto nessuno. (Cfr. “\*Sapeva che sarebbe venuto nessuno”. Bernini e Ramat 1996:37)  
 ‘Perguntava-se se teria vindo alguém’
- (98) it. Dovesse telefonare nessuno, io sono in cantina (Vallduví 1994: 286)  
 ‘Se telefonar alguém, eu estou na cantina’
- (99) cast. Me preguntaron si nadie sabía la respuesta. (Vallduví 1994: 277)  
 ‘Perguntaram-me se alguém sabia a resposta’
- (100) cast. Dudo que venga nadie. (Vallduví 1994: 277)  
 ‘Duvido que venha alguém’
- (101) cast. Dudo que lo sepa nadie. (Bosque 1980: 33)  
 ‘Duvido que alguém o saiba’
- (102) cast. El comandante prohibió que saliera nadie del cuartel. (Bosque 1980: 74)  
 ‘O comandante proibiu que alguém saísse do quartel’
- (103) cast. Prefiero quedarme aquí que ir a ningún sitio. (Bosque 1980: 81)  
 ‘Prefiro ficar aqui que ir a algum sitio’
- (104) cast. ¿Cuando me has regalado nada? (Bosque 1980: 28)  
 ‘Quando é que me deste alguma coisa?’
- (105) cast. Poca gente estaría de acuerdo con nada de lo que me dices. (Bosque 1980: 99)  
 ‘Pouca gente estaria de acordo com alguma coisa do que me dizes’
- (106) gal. ¿Hai nada máis agradable ca/que comer aquí?<sup>36</sup>  
 ‘Há alguma coisa mais agradável do que comer aqui?’
- (107) gal. Dubido que o saiba ninguén.  
 ‘Duvido que alguém o saiba’
- (108) gal. O comandante prohibiu que ninguén saísse do cuartel.  
 ‘O comandante proibiu que alguém saísse do quartel’
- (109) gal. Prefiro quedar aquí que/ca ir a ningún sitio.  
 ‘Prefiro ficar aqui que ir a algum sitio’
- (110) gal. ¿Cuando me regalaches ti nada?  
 ‘Quando é que me deste alguma coisa?’
- (111) gal. Pouca xente estaría de acordo con nada do que me dis.  
 ‘Pouca gente estaria de acordo com alguma coisa do que me dizes’

Os factos do castelhano, galego e italiano podem ser explicados se admitirmos que nestas línguas os primitivos itens de polaridade fracos, capazes de se ajustarem quer a ambientes negativos quer a ambientes modais, deram origem a dois tipos de itens de polaridade, mais restritivos no que diz respeito à selecção dos contextos em que podem ocorrer. Concretamente, as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* ter-se-ão tornado ambíguas entre itens de polaridade negativa, legitimados em contextos negativos, e itens de polaridade modal, legitimados em contextos modais. Os primeiros correspondem aos itens de polaridade fortes de que temos vindo a falar e serão pois morfologicamente caracterizados como [0 af, + neg, 0 mod]; os segundos serão positivamente especificados no que diz respeito ao traço de modalidade, tendo traços subespecifica-

dos de valor não-variável (traços-0) no que diz respeito a 'af' e 'neg' (pelo que ficam excluídos quer de contextos afirmativos quer de contextos negativos).

Assim, o português identifica-se com o castelhano, o galego e o italiano no que diz respeito à "dupla negação" porque em todas estas línguas os itens de polaridade legitimados em contextos negativos são do mesmo tipo, i. e., itens de polaridade fortes (morfologicamente, [+ neg]). No português, no entanto, as palavras *nenhum*, *nada*, *ninguém* não são ambíguas; o português afasta-se então do castelhano, galego e italiano por não ter a opção de associar a tais palavras uma matriz morfológica que permita legitimá-las em contextos modais<sup>37</sup>.

No francês, os indefinidos que nos ocupam podem ocorrer em frases interrogativas não associados a uma interpretação negativa<sup>38</sup>, como mostram os dois exemplos seguintes:

- (112) Avez-vous jamais rencontré personne de ce genre? (Milner 1979:81)

Encontraste nunca ninguém deste género

'Alguma vez encontraste alguém deste género?'

- (113) Je me demande si j'ai jamais lu aucun livre de cet auteur (Milner 1979:81)

Pergunto-me se nunca li nenhum livro deste autor<sup>39</sup>

'Pergunto-me se alguma vez li algum livro deste autor'

Neste aspecto, o francês assemelha-se ao castelhano, ao galego e ao italiano, por oposição ao português. Aparentemente o francês (*standard*) distancia-se, no entanto, de todas estas línguas por o marcador negativo *ne* co-ocorrer necessariamente com os indefinidos *personne*, *rien*, *aucun*, ainda que estes sejam pré-verbais:

- (114) Personne n' est arrivé

- (115) \*Personne est arrivé

Indicará a presença obrigatória de *ne* em frases como (114) que *personne*, *rien*, *aucun* são itens de polaridade fracos sendo por isso a inserção de *ne* necessária para que sejam verificados os traços-neg de Pol? Creio que não, já que *ne* só por si não pode assegurar a expressão da negação proposicional em francês, como mostra (116) abaixo, o que indica que não é capaz de verificar os traços-neg de Pol.

- (116) a. \*Jean n' est arrivé  
b. Jean n' est pas arrivé

Por outro lado, a inserção de (*ne...*)*pas* em frases com indefinidos negativos pré-verbais cria agramaticalidade:

- (117) fr. *standard* \*Personne n' est pas arrivé

- (118) fr. não-*standard* \*Personne est pas arrivé

Creio que as frases (117)-(118), mas não (114), são "comparáveis" com o port. "\*Ninguém não chegou", cast. "\*Ninguno no llegó", etc., pelo que, na verdade, o francês não se distingue destas outras línguas. A necessária presença de *ne* em frases como (114) – no francês *standard* – dever-se-á a factores independentes do

processo de verificação dos traços-neg de Pol. Talvez *ne* não seja um elemento com autonomia no léxico, sendo antes um morfema verbal que por isso é necessariamente projectado associado ao verbo em frases negativas<sup>40</sup>.

Concluo pois que o francês não se distingue em nenhum dos aspectos que nos ocupam do castelhano, galego e italiano; no francês, como nestas outras línguas, as palavras do tipo *nenhum, nada, ninguém* serão ambíguas entre itens de polaridade fortes (como em (114)) e itens de polaridade modal (como em (112)-(113)).

Para terminar esta secção, referirei brevemente a situação do (daco-)romeno. Recordemos que nesta língua as palavras do tipo *nenhum, nada, ninguém* continuam a ser itens de polaridade fracos co-ocorrendo por isso necessariamente com o marcador de negação predicativa (mesmo quando em posição pré-verbal):

(119) \**Nimeni* a venit (= (22))

(120) *Nimeni nu* a venit (= (22))

Segundo Posner (1984), os indefinidos em causa não ocorrem, no entanto, sem valor negativo, em contextos modais. Em tais contextos, só os indefinidos positivos são legitimados:

(121) Vine *cineva*? (Posner 1984:4)

Vem alguém? (literalmente)

(122) Ai cumparat *ceve*? (Posner 1984:5)

Compraste alguma coisa? (literalmente)

De acordo com a análise proposta neste artigo, tal facto indicará que as palavras do tipo *nenhum, nada, ninguém* são no romeno actual itens de polaridade fracos com os traços [0 af,  $\alpha$  neg, 0 mod], enquanto que no proto-romance seriam [0 af,  $\alpha$  neg,  $\alpha$  mod] .

#### 4. A "negação expletiva"

Atestam-se abundantemente nos romances medievais estruturas em que ocorre 'não' sem que a presença deste elemento induza uma interpretação negativa no interior do domínio oracional a que pertence – vejam-se os exemplos (124) a (132). O mesmo tipo de estrutura se encontra, aliás, já no latim vulgar – ver exemplo (123)

(123) Sic nec advocati eorum e(os de)fendere non possint (Väänänen 1967: 240)

(Que nem os advogados deles possam defendê-los)

(124) E assi escapou o comde Joham Fernandez de nom seer morto (Fernão Lopes. Said Ali 1931: 99)

(125) Vedes quem me tolhe de vos nom valer (Cantigas de amigo. Dias 1918: 307)

(126) Prohibido tinha Deos a nossos padres sob pena de morte que nam comessem fruita de certa arvore plantada em o Paraíso terreal (Frei Amador Arrais. Said Ali 1931: 99)

(127) Mais honrra dan a deus os pexes das agoas que nom os homêes herejes (Cousas notaveis e Milagres de Santo António de Lisboa. Dias 1918: 307)

- (128) Eu me contento mays do meu grão que tu nom te contentas das riquezas dos rreis (O Livro de Esopo. Dias 1918: 307)
- (129) Yo temo mucho que a su alteza no lo engañen (Keniston 1937: 606)
- (130) Se dubdavan ['temiam'] que alguna mala persona no moviese rumor entre ellos (Gestas del Rey Don Jayme de Aragón. Wagenaar 1930:154, citado por Bosque 1980:73)
- (131) Ele ne puet muer ne die (Foulet 1930:335)  
(fr. mod.: Elle ne peut s'empêcher de dire / Elle ne peut s'empêcher qu'elle ne dis)
- (132) Gardez ne vos i fiez ja (Foulet 1930:335)  
(fr. mod.: Gardez-vous de vous y fier / Gardez que vous ne vous y fiez)

Em causa está a chamada “negação expletiva” que ocorre em contextos que correspondem a um subconjunto dos que nas secções 2 e 3 identificámos, seguindo Bosque (1996), como contextos modais. Neste aspecto a “negação expletiva” correlaciona-se com os itens de polaridade modal e os itens de polaridade fracos, já que a “negação expletiva” e os referidos itens de polaridade podem ser legitimados no mesmo tipo de contexto:

- (133) Querian antes ser vasallos de V. A. que no morir (Keniston 1937:605)
- (134) Antes consentiré sacarme la lengua...que diga palabra con que a ninguno ofenda (Keniston 1937:611)
- (135) Prefiero quedarme aquí que (no) ir a ningún sitio (Bosque 1980: 81)

Que o ‘não’ expletivo não é um núcleo negativo mostra-o a sua incompatibilidade com certos elementos negativos, bem como a compatibilidade com elementos positivos. Assim, no francês, *ne* expletivo não pode co-ocorrer com o item negativo *pas*, como mostra o contraste de gramaticalidade entre (136) e (137):

- (136) Cueilliz quelques fleurs avant qu’il ne fasse nuit. (Mauger 1968: 374)
- (137) \*Cueilliz quelques fleurs avant qu’il ne fasse pas nuit.

No italiano, *non* expletivo pode co-ocorrer com elementos de polaridade positiva como *già* ou *ben*, mas não com elementos de polaridade negativa, como *niente*:

- (138) È già partita. (Manzotti e Rigamonti 1991:287)
- (139) Non è \*già / ancora partita. (Manzotti e Rigamonti 1991:287)
- (140) Chissà che (non) sia già partita! (Manzotti e Rigamonti 1991:287)
- (141) Maria parlava ben di lui (Belletti 1990:39)
- (142) \*Maria non parlava ben di lui (Belletti 1990:40)
- (143) Chissà che (non) ne sia ben contenta anche lei. (Manzotti e Rigamonti 1991:287)
- (144) Avvertila, prima che non succeda qualcosa / \*niente. (Manzotti e Rigamonti 1991:292)

Além disso, ainda no italiano, em estruturas com *non* expletivo é possível a coordenação com *anche*, típica das frases afirmativas, enquanto a coordenação com *neanche*, própria das frases negativas, não é permitida:

(145) Resto finché (non) arriva Gianna e anche Maria. (Manzotti e Rigamonti 1991:288)

(146) \*Resto finché non arriva Gianna e neanche Maria. (Manzotti e Rigamonti 1991:288)

Os factos apontados sugerem que a par do núcleo negativo 'não', existe um outro 'não', o expletivo, que é um núcleo modal. Uma análise da sintaxe de 'não' expletivo está, no entanto, fora do âmbito deste artigo. Se aqui o trago à colação é apenas para observar que, historicamente, existe uma curiosa correlação entre o destino de 'não' expletivo e o destino dos itens de polaridade legitimados em contextos modais. Como vimos na secção anterior, o português é a única língua românica em que, modernamente, palavras do tipo de *nenhum*, *nada*, *ninguém* não são permitidas em contextos modais; o português é ao mesmo tempo a língua românica que, modernamente, menos admite a "negação expletiva"<sup>41</sup>. Observem-se os contrastes de gramaticalidade entre as frases do português e as frases equivalentes do galego, italiano, castelhano, catalão e francês registadas abaixo. (Contrastem-se, por outro lado, as frases do português moderno com as do português antigo em (124) a (128) acima.) Deixo para futura investigação um tratamento da "negação expletiva" que faça luz sobre a referida correlação.

- (147) a. gal. Non che podemos face-los trámites ata que (non) teñas entregados tódolos papeis. (Álvarez, Regueira e Monteagudo 1986: 463)
- b. port. Não podemos fazer seguir o processo até que (\*não) tenhas entregado todos os papéis.
- (148) a. it. Rimarrò di guardia finché (non) arrivi qualcuno. (Manzotti e Rigamonti 1991: 290)
- b. port. Ficarei de guarda até que (\*não) chegue alguém.
- (149) a. it. L'ho fermato, prima che (non) si facesse male. (Manzotti e Rigamonti 1991: 292)
- b. port. Fechei-o, antes que (\*não) se magoasse.
- (150) a. cast. Ernesto prefiere ser escéptico que (no) tragarse semejantes disparates (Bosque 1980:81)
- b. port. O Ernesto prefere ser céptico do que (\*não) engolir tais disparates.
- (151) a. cast. Mi hermana era más rubia de niña que (NO) ahora (Sánchez de Zavala 1973: 14, citado por Bosque 1980: 79 - "esta negación...tiene un claro papel enfático")
- b. port. A minha irmã era mais loura em criança do que (\*não) é agora.
- (152) a. cat. Dóna més que no promet. (Badia Margarit 1962: 36)
- b. port. Dá mais do que (\*não) promete.
- (153) a. cat. Fóra pitjor el remei que (no) la malaltia (Badia Margarit 1962:36)
- b. port. Seria pior o remédio que (\*não) a doença

- (154) a. cat. Tinc por que (no) arribin tard. (Badia Margarit 1962: 36)
- (155) b. port. Temo que (\*não) cheguem tarde. (Agramatical na acepção relevante)
- (156) a. fr. Je crains qu'il ne vienne (≠ Je crains qu'il ne vienne pas) (Mauger 1968: 374)
- b. port. Temo que ele (\*não) venha. (Agramatical na acepção relevante)
- (157) a. fr. Je ne doute pas qu'il ne vienne (Mauger 1968: 374)
- b. port. Não duvido que ele (\*não) venha. (Agramatical na acepção relevante)
- (158) a. fr. Pour éviter que vous ne manquiez l'avion, je vous emmènerai moi-même à l'aéroport. (Mauger 1968: 334)
- b. port. Para evitar que (\*não) perca o avião, levo-o eu própria ao aeroporto.
- (159) a. fr. L'accord prendra fin dans un an, à moins qu'il ne soit renouvelé un mois avant son expiration (Mauger 1968: 345)
- b. port. O acordo cessará dentro de um ano, a menos que (\*não) seja renovado um mês antes de expirar.

## 5. Conclusão

Propõe-se neste artigo que as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* evoluíram, no espaço românico, de termos de polaridade legitimados em contextos negativos ou modais (i.e., itens de polaridade fracos) para termos de polaridade legitimados apenas em contextos negativos (i.e., itens de polaridade fortes) ou legitimados apenas em contextos modais (i.e., itens de polaridade modal). Neste processo, passaram por uma fase de ambiguidade lexical entre itens de polaridade fracos e itens de polaridade fortes que se mantém no catalão. As restantes línguas românicas ou se apresentam, como o romeno, conservadoras ou inovaram num de dois sentidos: transformando os itens de polaridade fracos em itens de polaridade fortes (português), ou criando uma partição entre itens de polaridade modal e itens de polaridade fortes (galego, castelhano, italiano, francês), partição esta que supõe uma situação de ambiguidade lexical para as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém*. Os resultados da análise proposta são sumariados no quadro da página seguinte.

Os dois tipos de línguas inovadoras, quer as que têm apenas itens de polaridade fortes, quer as que têm itens de polaridade fortes e itens de polaridade modal, evoluíram no sentido da "especialização" dos termos de polaridade, os quais passaram assim a exibir condições de legitimação mais restritivas. Deste modo, ou deixaram de poder ocorrer em contextos negativos (caso dos itens de polaridade modal) ou deixaram de poder ocorrer em contextos modais (caso dos itens de polaridade fortes); num caso como noutro, por falta de concordância de traços com o núcleo funcional relevante, Pol, morfologicamente especificado quanto aos traços (de polaridade) 'neg' (negação), 'af' (afirmação) e 'mod' (modalidade). Por outro lado, nas línguas inovadoras, os itens de polaridade legitimados em contextos negativos deixaram de co-ocorrer (como acontecia nos

Classificação das palavras do tipo *nenhum, nada, ninguém* nas línguas românicas<sup>42</sup>

<b>Proto-romance</b> <b>Romances primitivos</b> <b>Romeno moderno*</b> Dialectos italianos setentrionais (Vêneto, Emiliano) Dialectos reto-românicos (Ladino, Friulano, Engadino)	ITENS DE POLARIDADE FRACOS [0 af, $\alpha$ neg, $\alpha$ mod] ou [0 af, $\alpha$ neg, 0 mod]*	
<b>Romances medievais</b> (mais ou menos tardios – cronologia variável em diferentes línguas) <b>Catalão</b>	ITENS DE POLARIDADE FRACOS [0 af, $\alpha$ neg, $\alpha$ mod]	ITENS DE POLARIDADE FORTES [0 af, + neg, 0 mod]
<b>Galego moderno</b> <b>Castelhano moderno</b> <b>Italiano moderno</b> <b>Francês moderno</b> Franco-Provençal moderno? Occitano moderno? Sardo?	ITENS DE POLARIDADE MODAL [0 af, 0 neg, "+" mod]	ITENS DE POLARIDADE FORTES [0 af, + neg, 0 mod]
<b>Português moderno</b> (europeu)	ITENS DE POLARIDADE FORTES [0 af, + neg, 0 mod]	

romances antigos) com o marcador de negação predicativa, '*não*', em certas configurações sintáticas. Aquelas configurações em que, dado o seu carácter inerentemente negativo (isto é, [+ neg]), os itens de polaridade fortes podem satisfazer os requisitos de verificação dos traços-neg do núcleo funcional Pol (nos termos de Zanuttini 1994).

Duas direcções para futura investigação ficam apontadas neste trabalho. Um aspecto a estudar é o da relação entre a evolução dos indefinidos "negativos" (do tipo *nenhum, nada, ninguém*) e a evolução dos indefinidos "positivos" (do tipo *algum, alguma coisa, alguém*). Historicamente, os indefinidos "positivos" ganharam terreno aos indefinidos "negativos" nos contextos modais (ainda que na maior parte das línguas românicas os dois tipos de indefinidos estejam ainda em competição neste tipo de contexto); em contrapartida, cederam lugar aos indefinidos "negativos" nos contextos negativos, em que podiam ocorrer mais livremente nos romances antigos. A outra questão em aberto diz respeito à relação entre a evolução das palavras do tipo *nenhum, nada, ninguém* e a evolução da "negação expletiva". Num caso como no outro, parece observar-se, no espaço românico, uma tendência para a redução do seu papel na expressão de valores de modalidade.

## NOTAS

<sup>1</sup> *Nunquam* (tal como *nullus*) podia funcionar como simples marcador de negação predicativa, enfático, mas sem valor temporal:

Nunquam omnes hodie moriemur inulti (Virgílio, *Encida* 2,670. Ernout e Thomas 1953:153)  
'(decerto) não morreremos todos hoje sem ser vingados'

- <sup>2</sup> Refiro-me à tradição da Linguística Românica de referência neogramática. Esta designação encontra-se comumente nas gramáticas do latim vulgar, gramáticas históricas das línguas românicas e manuais de linguística românica. Na literatura da área da Semântica, o termo "dupla negação" designa, pelo contrário, a construção exemplificada pelas frases (3) a (6), onde da co-ocorrência de dois itens negativos resulta uma interpretação positiva.

- <sup>3</sup> Sobre o conceito de 'latim vulgar' bem como sobre a importância das obras de Plauto e Petrónio como fonte para o conhecimento do latim vulgar, vejam-se, entre muitos outros, Maurer (1959), Neto (1956) e Väänänen (1979). A construção relevante também se atesta, no entanto, em autores mais "clássicos", como Cícero:

Debatat...nummum nullum nemini (Cícero, in *Verrem* 2, 60. Ernout e Thomas 1953:155)  
(Não devia um tostão a ninguém)

- <sup>4</sup> Trata-se de palavras que, designando uma quantidade mínima de alguma coisa, traduzem, quando associadas a um predicado negado por *non*, a ideia de inexistência (da mais pequena quantidade) do que quer que seja e, logo, de negação "absoluta", funcionando assim como elementos enfáticos (de reforço da negação). Cfr. Horn 1989:400.

- <sup>5</sup> Para uma enumeração mais completa de palavras negativas nas línguas românicas, veja-se Meyer-Lübke 1900:III, §§692-693 (pp.772-776), Camus Bergareche 1988:127-149 e Bernini e Ramat 1996:156-157, 174-179.

- <sup>6</sup> C.S.M. = *Cantigas de Santa Maria*.

- <sup>7</sup> C.M.C. = *Cantar de Mio Cid*.

- <sup>8</sup> Sobre a relevância linguística da oposição România Ocidental / România Oriental, veja-se, por exemplo, von Wartburg 1952.

- <sup>9</sup> Segundo Camus Bergareche (1988), no castelhano e no catalão a situação de oscilação estabelece-se no final da Idade Média, sendo antes de meados do século XV os exemplos de oscilação "raríssimos". Para as áreas galega e portuguesa não há, no que diz respeito ao estabelecimento da cronologia em causa, suficiente trabalho de pesquisa de fontes. Rosa Virgínia Mattos e Silva (comunicação pessoal) registou exemplos de omissão de *não* em frases com indefinidos negativos pré-verbais em textos portugueses do século XIV. Nas *Cantigas de Santa Maria* (séc. XIII), encontra-se o seguinte exemplo da mesma natureza:

non quisu Santa Maria que neñu tal achassem (C.S.M. 198.28. Mettman 1972:204)

Na falta de dados quantitativos, ficamos sem saber, no entanto, se o exemplo galego em (2) e os exemplos portugueses registados por Rosa Virgínia Mattos e Silva são ou não "raros" na época em que ocorrem.

- <sup>10</sup> Penso que o francês pertence também a este grupo "inovador". Note-se que no francês moderno *ne* precisa de estar acompanhado de um outro elemento negativo, em geral *pas*, para que haja negação predicativa (cfr. Rizzi 1982:175-176). Sendo assim, a agramaticalidade de frases como "Personne n'ai pas venu", que se registavam no francês médio (Bernini e Ramat 1996:174) e são permitidas hoje no occitano (Camus Bergareche 1988:147), indica que o francês evoluiu no mesmo sentido que o castelhano, o italiano, o português e o galego. Veja-se mais sobre este assunto na secção 3, adiante.

- <sup>11</sup> Em frases-resposta reduzidas a interrogativas parciais atesta-se igualmente o desaparecimento de *não* opcional, como pode ver-se comparando o castelhano do século XVI (exs. (1) a (3)) com o castelhano moderno (exs. (4)-(5)):

(1) ¿Quien es v. md.? - No nadie. (Keniston 1937:609)

(2) ¿Con quien hablas señora? - No con nadie. (Keniston 1937:608)

(3) ¿Aveis notado alguna otra regla? - Ninguna. (Keniston 1937:609)

(4) ¿A quién has visto? A nadie. (Vallduví 1994:276)

(5) ¿A quién has visto? \*No a nadie.

O catalão mantém a possibilidade de frases como as do castelhano medieval, mas só com os indefinidos *res* e *gens*:

(6) Què vols? (No) res. (Vallduví 1994:287)

(Que queres? Nada.)



(7) Que tens son? (No) gens. (Vallduví 1994:287)  
(Tens sono? Nenhum.)

(8) Quants en tens? (\*No) cap. (Vallduví 1994:288)  
(Quantos tens? Nenhum.)

- <sup>12</sup> "It is possible that Spanish and Portuguese *nunca* may have been a Latinism: in that case, it would be... unlikely to be supplemented by 'non'. (...) in Catalan *nunca* was a late literary and shortlived borrowing from Castilian". Posner dá um exemplo de *nunca...no* em castelhano, mas considera-o "excepcional" (Posner não identifica a fonte da atestação):

(1) *Nunca* ome no vio (Posner 1984:15)

Ao contrário de *nunca*, o português *jamais* e o castelhano *jamás* (em posição pré-verbal) co-ocorriam normalmente com 'não' no período medieval:

(2) Paya sayosse...e foyse e jamais nom foy em aquella terra vista (Vida de Sta. Pelagia. Castro et alii 1985:27)

(3) Ella jamás por si no pudiera recordar (Keniston 1937:609)

- <sup>13</sup> Mas veja-se nota 37.

<sup>14</sup> A mudança ocorrida dentro do latim não será pois estudada.

<sup>15</sup> A frase (48) poderia caber também neste grupo.

- <sup>16</sup> Bosque (1996) designa por 'construções genéricas' as que incluem predicados de "nível individual" (ingl. *individual-level predicates*) – cfr. Diesing (1992) e referências aí dadas – ou "operadores genéricos", como os seguintes:

(1) Todo el que lee cualquier novela de García Márquez...

(2) Habitualmente, el libro está guardado en cualquiera de esos cajones.

(3) Siempre es útil un diccionario que tenga muchas páginas.

- <sup>17</sup> Sobre *qualquer*, em português, veja-se Móia (1992).

- <sup>18</sup> Tem sido observado por diversos autores que os contextos "modais" ou "irreais" induzem uma interpretação não-específica dos sintagmas indefinidos, como mostra o contraste semântico entre as frases (1) – em que *un* tem interpretação não-específica – e as frases (2) – em que *un* tem interpretação específica (todos os exemplos pertencem a Bosque 1996):

(1) a. Juan quiere atrapar un salmón.

b. Pedro puede encontrar un buen trabajo.

c. Estoy buscando un taxi.

(2) a. Juan está atrapando un salmón

b. Pedro ha encontrado un buen trabajo.

c. Estoy pintando un taxi.

Certas línguas marcam morfologicamente a distinção relevante. Assim, o russo, por exemplo, possui um afixo para os indefinidos específicos (-to) e outro para os não-específicos (-nibud'), ocorrendo cada um deles, como esperável, em contextos sintáticos diferentes (os exemplos são de novo de Bosque 1996):

(3) Esta mañana he escrito algo (-to / \*-nibud')

(4) Dime algo (\*-to / -nibud')

Com base nesta evidência Bosque 1996 propõe que:

"Es posible analizar la relación gramatical que existe entre los contextos modales y los sintagmas inherentemente inespecíficos en términos de POLARIDAD, es decir, con los recursos habituales en la sintaxis de la negación"

- <sup>19</sup> Além dos predicados "negativos" de que *rechazar* faz parte (tal como *negar*, *prohibir*, *evitar*, *dudar*, *reticente*, etc.), são também indutores modais, segundo Bosque 1996, os predicados "intensionais" (*buscar*, *aceitar*, *pedir*, *esperar*, *querer*, *intentar*, *planear*, etc.) e os predicados de "conveniência", "necessidade" e "suficiência" (*bastar*, *venir bien*, *conveniente*, *necesario*, etc.)

- <sup>20</sup> "The variety of the licensing environments is much wider and much more flexible than monotonicity-oriented theories can predict. Monotonicity can only partially capture this variation. Questions, superlatives, imperatives, subjunctives, the protasis of conditionals and the scope of modal verbs are licensing contexts for NPIs, yet they exemplify no inherent monotonic properties. [It is true that conditionals can be analyzed as MD if one assumes a restricted version of monotonicity. It is also true however that the modal character of the conditional is a prominent facet of its semantics]" (Giannakidou 1994:56)

- <sup>21</sup> Nada do que proporei depende estritamente da adopção de uma das versões da teoria minimalista, propostas respectivamente em Chomsky 1993 e Chomsky 1995 (cap. 4). O trabalho de Zanuttini (1994), em que me apoiarei, decorre, no entanto, de Chomsky 1993.
- <sup>22</sup> Para um tratamento semântico da oposição itens de polaridade fortes / itens de polaridade fracos, vejam-se os trabalhos já referidos de van der Wouden (1993), Sánchez Valencia, van der Wouden e Zwarts (1993), Jackson (1994), Zwarts (1995); veja-se também Giannakidou (1993, 1994), a qual discute especificamente as condições semânticas de legitimação dos itens de polaridade fracos.
- <sup>23</sup> Sobre a projecção Pol(arity)P, veja-se Culicover (1991). Outros autores propuseram, com diferentes designações, o mesmo tipo de projecção funcional. Assim, PolP corresponde a ΣP ['Σ' por *Speech Act*] em Laka (1990) e é a "soma" de Ass(ertion)P + NegP em Pollock (1989:nota 51) e de Pos(itive)P + NegP em Belletti (1990). Para Laka (1990), Neg(ation), Aff(irmation) e Imp(erative) são instanciações de Σ, sendo a categoria Aff projectada quando está em causa "afirmação enfática". Schaffer (1994) e Martins (1994), adoptando a proposta de Laka (1990), defendem, no entanto, que Aff está presente em todas as frases afirmativas e não só naquelas que expressam afirmação enfática. Algumas línguas célticas fornecem evidência empírica a favor da hipótese de que a categoria Pol contém não só traços afirmativos e negativos mas também outros ("interrogativos", por exemplo). No escocês, nomeadamente, as partículas 'YR' (positiva), 'NIU' (negativa) e 'A' (interrogativa) podem ser vistas como a expressão fonética (ou a face "lexical") dos traços de Pol. Diferentes conteúdos de Pol, em termos de traços morfológicos, serão pois "traduzidos" por diferentes partículas:
- (1) YR ydyt ti'n siarad  
'Tu estás a falar'
  - (2) NIU ydyt ti'n siarad  
'Tu não estás a falar'
  - (3) A ydyt ti'n siarad  
'Tu estás a falar?'
- Os exemplos acima são de Bernini & Ramat 1996:110.
- <sup>24</sup> A estrutura frásica subjacente às representações (65) a (68) é a assumida em Zanuttini (1994). Em (69) optei por uma representação simplificada (em que não subdivido IP) por serem irrelevantes para o assunto em análise eventuais diferenças sintácticas entre o português e o piemontês no que diz respeito ao movimento do verbo (que poderá atingir, na sintaxe visível, uma posição mais alta na estrutura frásica em uma das línguas).
- <sup>25</sup> A negação pós-verbal do franco-provençal, do occitano e dos dialectos italianos setentrionais corresponde a uma inovação relativamente tardia (sécs. XVI a XIX) que também se encontra no francês dito "popular" ou "avançado" (cfr. Posner 1985, a qual considera, aliás, que a inovação se manifesta mais cedo na área francesa). De acordo com a análise de Zanuttini (1994), no francês *standard*, tal como no occitano, no franco-provençal, em dialectos italianos setentrionais (galo-italícos) e no francês "avançado", os traços-neg de Pol são fracos. É a natureza clítica de *ne* (e não a necessidade de verificação dos traços-neg de Pol) que determina o seu movimento, na sintaxe visível, para uma posição alta na estrutura da frase.
- <sup>26</sup> Veja-se Chomsky (1993, 1994, 1995); mas também Law (1991) e Bošković (1996), para uma extensão da noção de economia. No caso presente, precisaríamos de um princípio de economia que legitimasse a comparação entre uma numeração (ingl. *numeration*, Chomsky 1994) contendo *não* e outra contendo apenas traços-neg (e sendo em tudo o mais idênticas).
- <sup>27</sup> Para uma justificação desta opção veja-se Rooryck (1994:218ss.). A análise que proponho pode ser implementada sem alterações significativas quer com um sistema que inclua o valor '-' para traços especificados quer com um sistema que não o inclua:

	subespecificado	especificado
variável	α	
não-variável	0	+ / (-)

- <sup>28</sup> A proposta de Rooryck é apoiada empiricamente por factos respeitantes a concordância em frases relativas em diferentes dialectos do francês.
- <sup>29</sup> Os 'traços-0' são, pelo contrário, "opacos". Ver Rooryck (1994).

<sup>30</sup> Este tipo de ambiguidade regista-se hoje no grego para as palavras *kanénas* 'ninguém, alguém' e *típotas* 'nada, alguma coisa'. A distinção em termos de traços morfológicos entre *kanénas* / *típotas*-itens de polaridade fortes e *kanénas* / *típotas*-itens de polaridade fracos, corresponde, no entanto, a uma distinção prosódica. Assim, os itens de polaridade fortes distinguem-se dos itens de polaridade fracos por receberem um acento de intensidade (enfático). Cfr. Giannakidou 1993.

<sup>31</sup> Como seria esperável, as palavras em causa não podem ocorrer em frases afirmativas, já que são como propusemos acima [0 af] (ou por, nos termos de Bosque (1996), os contextos afirmativos não incluem os "indutores modais" que podem legitimá-las).

"Otras oraciones hay que, si no son negativas, no admiten ninguna de las voces *cap, ningú, res, enlloc, mai, gens* usadas con valor afirmativo; tales son entre otras, las oraciones principales no interrogativas; así, nunca diremos *hem vist res*, sino *hem vist alguna cosa* 'hemos visto algo'" (Badia Margarit 1962: 42)

<sup>32</sup> No catalão, os indefinidos positivos não são permitidos em contextos negativos, o que indica que serão morfologicamente especificados como [ $\alpha$  af, 0 neg,  $\alpha$  mod]:

- (1) a. \**No vull menjar alguna cosa*. (Vallduvi 1994:289)
- b. *No vull menjar res*. (Vallduvi 1994:289)

Diferente é a situação do italiano em que são semanticamente equivalentes as frases (a) e (b) de (3) e (4):

- (3) a. Maria *non* ha comperato *nessun* libro (Manzotti e Rigamonti 1991:257)
- b. Maria *non* ha comperato *alcun* libro (Manzotti e Rigamonti 1991:257)
- (4) a. Maria *non* ha parlato con *nessuno* (Manzotti e Rigamonti 1991:257)
- b. Maria *non* ha parlato con *alcuno* (Manzotti e Rigamonti 1991:257)

Segundo Manzotti e Rigamonti (1991:261): "La scelta tra *nessuno* e *alcuno* è stilistica. Rispetto a *nessuno* non marcato, *alcuno* è dello stile elevato, burocratico o arcaizante." É possível que no que diz respeito aos indefinidos positivos tenha havido, tal como observámos para os indefinidos negativos, uma mudança (na área românica) no sentido da retracção dos traços de valor variável. Enquanto os indefinidos negativos passaram de [ $\alpha$  neg] para [+ neg], os indefinidos positivos teriam passado de [ $\alpha$  neg], valor que ainda mantém no italiano, para [0 neg], como no catalão.

<sup>33</sup> Se o português europeu foi, como estamos a supor, idêntico ao catalão moderno até época muito recente, é natural que encontremos no português moderno vestígios fossilizados de construções com *nenhum, nada, ninguém* em contextos de que hoje estão excluídos (nomeadamente, os contextos modais). Creio que devem interpretar-se assim, como "combinações" cristalizadas, frases enfáticas como a registada por Peres (1994) – ver (1) abaixo – ou as que incluem a expressão "melhor que ninguém" – ver (2):

- (1) Há lá *nada* igual a isto? (Registado em emissão televisiva. Peres 1994:440)
- (2) Ela canta melhor que *ninguém* (Cfr. "Este carro anda melhor que nenhum outro")

O facto de quer o português do Brasil quer o português de África manterem a "dupla negação" suporta igualmente a hipótese de que não seria estranha ao português europeu até época tardia. Segundo Paxeco (1943) – citado por Camus (1988:135) – frases como "Ninguém não viu" são frequentes na fala dos camponeses brasileiros. Esta observação é corroborada por Rosa Virgínia Mattos e Silva (comunicação pessoal). Peres (1994) regista um exemplo de uso do indefinido *ninguém*, sem valor negativo, numa frase interrogativa, no português do Brasil – ver (3). Peres (1994) atesta, por outro lado, a construção de "dupla negação" na prosa do escritor africano Mia Couto – ver (4):

- (3) Pode passar pela cabeça de *ninguém* uma coisa dessas? (Registado em emissão televisiva. Peres 1994:440)
- (4) Não havia história em casa dos russos. *Nada não* acontecia. (Mia Couto. Peres 1994:439)

Por estas razões, parece-me improvável que Said Ali (1931:199) tenha razão quando afirma que a "dupla negação" só se encontra no português europeu até ao século XVI (tanto mais que não há suficiente trabalho de pesquisa de fontes depois dessa época):

"Diferentemente de nós, e de acôrdo com a linguagem vulgar, os escritores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restrições a negação dupla."

A ter razão Said Ali, apesar das evidências apontadas em contrário, o exemplo de "dupla negação" que registo em Garrett seria marginal e não significativo. Nesse caso, o uso dos inde-

finidos *nenhum, nada, ninguém* em contextos modais (não-negativos) ainda no século XIX – veja-se o exemplo de Herculano – indicaria que estes seriam ambíguos entre itens de polaridade fortes e itens de polaridade modal, como no castelhano moderno de que falaremos adiante.

No português moderno tem características de item de polaridade fraco o indefinido *qualquer*.

- <sup>34</sup> No italiano e no galego a “dupla negação” parece ser admitida marginalmente quando os indefinidos relevantes são parte de um sintagma que integra outros elementos lexicais; ou ainda, no italiano, quando o sintagma relevante está focalizado por deslocação à esquerda. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (1) it. \**Nessuna non* gli sembra malata. (Manzotti e Rigamonti 1991:264)
- (2) it. ?*Nessuna* delle piante *non* sembra malata. (Manzotti e Rigamonti 1991:264)
- (3) gal. \**Ninguén non* o quere. (Fernando Tato Plaza, comunicação pessoal)
- (4) gal. ?*Ningún* deles *non* me quixo axudar. (Fernando Tato Plaza, comunicação pessoal)
- (5) gal. ?*Ningún* dos que viñeron *non* o quixo facer. (Fernando Tato Plaza, comunicação pessoal)
- (6) it. *A NESSUNO, (non)* lo ha detto. (Manzotti e Rigamonti 1991:264)
- (7) it. *NIENTE, (non)* ha fatto. (Manzotti e Rigamonti 1991:264)

- <sup>35</sup> Nestes contextos estão, como no catalão, em competição com os indefinidos positivos. Assim são semanticamente equivalentes os seguintes pares de frases (os exemplos do galego foram-me dados por Fernando Tato Plaza):

- (1) a. cast. Dudo que venga *nadie*. (Vallduví 1994:277)
- b. cast. Dudo que venga *alguien*. (Vallduví 1994:277)
- (2) a. gal. ¿Hai *nada* máis agradable ca/que comer aquí?
- b. gal. ¿Hai *algo* máis agradable ca/que comer aquí?
- (3) a. it. È venuto *nessuno*? (Bernini e Ramat 1996:37)
- b. it. Hai visto *qualcosa*? (Bernini e Ramat 1996:119)

O conjunto de contextos modais em que são legitimados os itens de polaridade em causa é, nas línguas românicas contemporâneas, variável de língua para língua. As orações condicionais introduzidas por *se/si*, por exemplo, constituem um contexto de legitimação no catalão mas não no castelhano ou no italiano. No castelhano, uma frase como (4) abaixo é, segundo Vallduví (1994), agramatical; no italiano (*standard*), uma frase como (5) seria comum no princípio do século, mas não é gramatical hoje em dia (de acordo com Vallduví 1994:286):

- (4) \**Si quieres nada, avísame* (Vallduví 1994:276)
- (5) *Se vi ocorre nulla, ditemelo* (Meyer-Lübke 1900:773)

Há que considerar também a existência de bastante variação dialectal e mesmo idiolectal. Segundo Posner (1984:5,21), na área dialectal toscana, as variedades não-*standard* do italiano afastam-se do italiano *standard* por mostrarem “uma certa preferência por indefinidos negativos” em orações condicionais introduzidas por *se* (ainda que no mesmo contexto possam ser usados indefinidos positivos):

- (6) *Se vi occorre nulla / niente, comandate*  
*qual(che)cosa*

No que diz respeito ao castelhano, Vallduví (1994) – e todos os seus informantes – discordam de Bosque e Laka quanto à possibilidade de legitimação do tipo relevante de indefinidos em frases interrogativas:

- (7) √(Bosque/Laka) / \*(Vallduví e todos os seus informantes) *Me preguntaron si nadie sabía la respuesta.* (Vallduví 1994:277)

Podem ter, no entanto, juízos de gramaticalidade concordantes quando estão em causa outros contextos modais:

- 8) √(a maior parte dos informantes de Vallduví) *Dudo que venga nadie.* (Vallduví 1994:277)

- <sup>36</sup> Agradeço a Fernando Tato Plaza e a Xavier Varela Barreiros por informações valiosas no que diz respeito ao galego. Os exemplos (106) a (111) pertencem a Fernando Tato Plaza.

- <sup>37</sup> Quanto à possibilidade de as palavras *nenhum, nada, ninguém* terem sido ambíguas entre itens de polaridade fortes e itens de polaridade modal, numa fase anterior da história do português, veja-se a nota (33). A palavra *nunca* que, como dissemos na secção 1, não parece ter sido em nenhum momento um item de polaridade fraco (diferentemente de *nenhum, nada, ninguém*) encontra-se

atestada em contextos modais, não associada a uma interpretação negativa, entre os séculos XIII e XIX. Terá sido pois ambígua entre um item de polaridade forte e um item de polaridade modal. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (1) A melhor dona que eu nunca vi (Cancioneiro da Ajuda. Said Ali 1931:200)
- (2) Ho mais rico presente que te nunca foi dado (Castanheda. Said Ali 1931:200)
- (3) Fojo o melhor gentio que nunca ouve naquella terra (Fernão Mendes Pinto. Said Ali 1931:200)
- (4) A frota deste anno é a mais rica que nunca partio do Brasil, porque vai nella embarcado o Sr. D. João de Lencastre (Vieira. Said Ali 1931:200)
- (5) Quem se contentou nunca com o primeiro desejo? (Heitor Pinto. Said Ali 1931:201)
- (6) Viste-me nunca andar em demanda com ninguem, senão hũa em Santarem? (Gil Vicente. Said Ali 1931:201)
- (7) Que poder se viu nunca no mundo que fizesse hũa risca no ar e puzesse limites ao de hũa parte, para que não passasse à outra? (Vieira. Said Ali 1931:201)
- (8) Cuidas que uma noite destas esquece nunca? (Rebello da Silva. Dias 1918:307)
- (9) E quando vós mesmos cuydaveis que seria impossivel haver nunca mudança em vós, achastes que...o vosso coração se trocou totalmente (Vieira. Dias 1918:307)
- (10) Não me lembra que Lord Byron celebrasse nunca o prazer de fumar a bordo (Garrett. Dias 1918:307)

No castelhano moderno *nunca* continua a registar-se como item de polaridade modal – em frases interrogativas e em outros contextos modais:

- (11) ¿Has estado nunca en Brazil? (Vallduví 1994:277 – atribuindo o ex. a Bosque e Laka)
- (12) ¿Se le hubiese ocurrido a Vd nunca comparar a Vigo con Pontevedra? (Camba. Posner 1984:6)
- (13) Pocas personas le han visto nunca en público (Bosque 1980:99)

No português actual encontramos vestígios fossilizados de *nunca* como item de polaridade modal em expressões como:

- (14) Está melhor que nunca.

<sup>38</sup> Segundo Posner (1984:5), no francês moderno, uma frase como (1), com um indefinido negativo, pertence sobretudo ao “estilo literário”, enquanto o “estilo coloquial” preferirá (2), com um indefinido positivo:

- (1) Connaissez-vous personne qui ait pu faire cela?
- (2) Connaissez-vous quelqu’un qui ait pu faire cela?

Só no que diz respeito a *jamaís* não existirá este contraste em termos de registo (mais ou menos literário). As frases (3) e (4), que me foram apontadas por Charlotte Galves (comunicação pessoal), são ambas comuns num registo informal e exemplificam a ambiguidade de *jamaís* (associado a uma interpretação negativa em (4) mas não-negativa em (3)):

- (3) Tu avais jamaís vu ça ?  
‘Alguma vez tinhas visto isto?’
- (4) Tu n’avais jamaís vu ça ?  
‘Nunca tinhas visto isto?’

Até um período recente as palavras do tipo nenhum, nada, ninguém podiam ocorrer no francês não associadas a uma interpretação negativa não só em frases interrogativas mas também em condicionais, de acordo com o testemunho de Foulet (1930:275):

“Rien est aujourd’hui un pronom indéfini, à sens nettement négatif, au point que dans une réponse il peut remplacer, à lui seul, toute une phrase négative: “Qu’a-t-il dit? – Rien” Mais dans les phrases dubitatives il conserve encore son ancienne valeur positive: “S’il fait rien qui vous déplaît”. C’est là toutefois un tour qui a vieilli. Il est plus naturel de dire: “S’il fait quoi que ce soit qui vous déplaît (des choses qui vous déplaisent).”

<sup>39</sup> Em francês, a interrogativa correspondente ao português “Pergunto-me se nunca li nenhum livro deste autor” é “Je me demande si je n’ai jamaís lu aucun livre de cet auteur”.

<sup>40</sup> Mas que tem autonomia na sintaxe onde, segundo Zanuttini (1994), se comporta como um clítico. Cfr. nota 25.

<sup>41</sup> A negação expletiva regista-se no português moderno em frases exclamativas, como as seguintes:

- (1) Olha se (não) é parvo!
- (2) Por pouco (não) caía do telhado abaixo!

(3) Quantas coisas (não) lhe aconteceram!

(4) Quantas vezes (não) telefona!

O português tem, no que diz respeito a estas estruturas, um comportamento idêntico ao do galego e italiano:

(5) ¡Mira se (non) é parvo! (Álvarez, Regueira e Monteagudo 1986:463)

(6) Por pouco non caio do tellado embaixo. (Álvarez, Regueira e Monteagudo 1986:463)

(7) Per un pelo (non) lo rompevi! (Manzotti e Rigamonti 1991:292)

(8) Quante (non) gliene sono successe! (Manzotti e Rigamonti 1991:292)

(9) Quante volte (non) telefona! (Manzotti e Rigamonti 1991:292)

Numa variedade do português que, tendo em conta os dados da diacronia, poderemos considerar conservadora, a negação expletiva ocorre ainda em frases como as registadas por Peres (1994:441):

(10) Ele não deixou de não dizer que se sentia prejudicado

(11) ... tal não impediu que não houvesse críticas violentas à actual direcção (*Público*, 13/10/91, p. 6)

(12) ... a maré das recuperações *post mortem* começa a cobrir de água benta a escultura de Leopoldo de Almeida e não tardará muito que não haja alguém que lhe chame "escultor maldito" do Estado Novo. (José Cardoso Pires, *O Jornal*, 13/9/91, p. 369)

- 42 Há duas questões a esclarecer no que diz respeito à classificação proposta neste quadro. Quanto aos dialectos italianos setentrionais (véneto, emiliano) e reto-românicos (ladino, friulano, engadino), não disponho de informações que me permitam saber se neles as palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* são itens de polaridade fracos como os do proto-romance e romances primitivos, i.e., [0 af,  $\alpha$  neg,  $\alpha$  mod], ou antes como os do romeno, i.e., [0 af,  $\alpha$  neg, 0 mod]. Ou seja, para estes dialectos disponho de dados relativos à "dupla negação" (v. secção 1) mas não disponho de dados relativos à legitimação (ou não) de palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* em contextos modais. Idêntica carência de informação justifica a interrogação que aponho ao franco-provençal, ao occitano e ao sardo. Estas línguas legitimam ou não palavras do tipo *nenhum*, *nada*, *ninguém* em contextos modais? A sua maior proximidade, linguística e geográfica, com o francês ou com o italiano do que com o português levou-me a integrá-las, por agora, no grupo inovador maioritário (em que se incluem o francês e o italiano).

Finalmente, um esclarecimento relativo à utilização do sinal <"+"> para indicar o valor do traço de modalidade ('mod') dos itens de polaridade modal. O sinal <"+"> indica que o valor do traço de modalidade é positivamente especificado; não o é, no entanto, através da simples atribuição do valor <+>, mas sim através da atribuição de um conjunto de valores particulares do tipo 'int' (interrogativa), 'imp' (imperativa), etc. É porque a especificação positiva do traço de modalidade não é invariável, mas estabelecida em função de um conjunto de valores possíveis, que encontramos divergências entre línguas, dialectos, ou mesmo idiolectos, no que diz respeito à selecção do(s) tipo(s) de contextos modais em que os itens de polaridade modal podem ser legitimados (cfr. nota 35)

## BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ, R., REGUEIRA, X. L. e MONTEAGUDO, H. 1986. *Gramática Galega*. Vigo: Galaxia.
- BADIA MARGARIT, A. M. 1962. *Gramática Catalana*. Madrid: Gredos. 1980 (2ª reimpressão). Tomo II.
- BASSOLS, M. 1962. *Sintaxis Latina*. Madrid: CSIC. 1980 (9ª edição).
- BELLETTI, A. 1990. *Generalized Verb Movement. Aspects of Verb Syntax*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- BERNINI, G. e RAMAT, P. 1996. *Negative Sentences in the Languages of Europe. A Typological Approach*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- BOŠKOVIC, Z. 1996. "Selection and the Categorical Status of Infinitival Complements". *Natural Language and Linguistic Theory* 14:269-304.
- BOSQUE, I. 1980. *Sobre la Negación*. Madrid: Cátedra.
- BOSQUE, I. 1996. "Sobre la Gramática de los Contextos Modales". Comunicação apresentada no XI Congresso da ALFAL, Las Palmas.

- CAMUS BERGARECHE, B. 1988. *Aspectos Históricos de la Negación Románica*. Dissertação de doutoramento inédita. Universidad Complutense de Madrid.
- CASTRO et alii (eds.) 1985. *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense (Coleção mística de Fr. Hilário da Lourinhã, cod. alc. CCLXVI/ANTT 2274)*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos - Instituto Nacional de Investigação Científica.
- CHOMSKY, N. 1993. "A Minimalist Program for Linguistic Theory". K. Hale e S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1994. "Bare Phrase Structure". G. Webelhuth (ed.) *Government and Binding Theory and the Minimalist Program*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell. 381-439. 1995.
- CHOMSKY, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- CINTRA, L. F. Lindley 1954. *Crónica Geral de Espanha de 1344 (Edição crítica do texto português)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Tomo II.
- CINTRA, L. F. Lindley 1959. *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Lisboa. Publ. do Centro de Estudos Filológicos.
- CULLICOVER, P. W. 1991. "Topicalization, Inversion and Complementizers in English". D. Delfitto, M. Everaert, A. Evers e F. Stuurman (eds.) *Going Romance and Beyond. Fifth Symposium on Comparative Grammar*. 1-43
- DIAS, A. E. da Silva 1918. *Sintaxe Histórica Portuguesa*. Livraria Clássica Editora. 1970 (5ª edição).
- DIESING, M. 1992. *Indefinites*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- ERNOUT, A. e THOMAS, F. 1953. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck.
- FOULET, L. 1930. *Petite Syntaxe de l'Ancien Français*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion.
- GARRETT, A. de Almeida. *Doutrinas de Estética Literária*. Textos Literários / Autores Portugueses. Lisboa. 1938.
- GIANNAKIDOU, A. 1993. "KANENAS and TIPOTA: Talking about Nothing (or Anything) in Modern Greek". A. de Boer, J. de Jong e R. Landeweerd, eds. *Language and Cognition 3*. Groningen. (Yearbook 1993 of the research group for Theoretical and Experimental Linguistics of the University of Groningen). 49-57.
- GIANNAKIDOU, A. 1994. "The Semantic Licensing of Negative Polarity Items and the Modern Greek Subjunctive". A. de Boer, H. de Hoop e H. de Swart (eds.) *Language and Cognition 4*. Groningen. (Yearbook 1994 of the research group for Theoretical and Experimental Linguistics of the University of Groningen). 55-68.
- HORN, L. R. 1989. *A Natural History of Negation*. Chicago: Chicago University Press.
- JACKSON, E. 1994. "Negative Polarity and General Statements". A. de Boer, H. de Hoop e H. de Swart (eds.) *Language and Cognition 4*. Groningen. (Yearbook 1994 of the research group for Theoretical and Experimental Linguistics of the University of Groningen). 97-109.
- KENISTON, H. 1937. *The Syntax of Castilian Prose. The Sixteenth Century*. Chicago / Illinois: The University of Chicago Press.
- LAKA, I. 1990. *Negation in Syntax. On the Nature of Functional Categories and Projections*. Ph. D. dissertation. Massachusetts Institute of Technology.
- LAW, P. 1991. *Effects of Head-Movement on Theories of Subjacency and Proper Government*. Ph. D. dissertation. Massachusetts Institute of Technology.
- LOPES, Fernão. *Cronica del Rei D. Joham I de boa memoria*. Edição de William J. Entwistle. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- LLORENS, E. 1929. *La Negación en el Español Antiguo con Referencia a otros Idiomas*. Madrid: Anexo 11 da RFE.
- MANZOTTI, E. e RIGAMONTI, A. 1991. "La negazione". L. Renzi e G. Salvi, eds. *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Tomo II: *I Sintagmi Verbale, Aggettivale, Avverbiale. La Subordinazione*. Bologna: Il Mulino. 245-317.
- MARTINS, A. M. 1994. *Clíticos na História do Português*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras de Lisboa.
- MAUGER, G. 1968. *Grammaire Pratique du Français d'Aujourd'hui. Langue parlée, langue écrite*. Paris: Hachette. (6ª edição revista).
- MAURER JR., T. H. 1959. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MENÉNDEZ-PIDAL, R. 1946. *Cantar de Mio Cid. Texto, Gramática y Vocabulario*. Vol. III. Madrid: Espasa-Calpe. 1980 (5ª edição)

- METTMAN, W. 1972. *Afonso X, O Sábio, Cantigas de Santa Maria*. Vol. IV: Glossário. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- MEYER-LÜBKE, W. 1900. *Grammaire des Langues Romanes*. Tomo III: Syntaxe. Paris: H. Welter. (Trad. de *Grammatik der romanischen Sprachen: Syntax* (1899), Leipzig).
- MILNER, J. C. 1979. "Le système de la négation en français et l'opacité du sujet". *Langue Française* 44: 80-106.
- MÓIA, T. 1992. "Aspectos da semântica do operador *qualquer*". *Cadernos de Semântica* 5. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MORENO, J. e PEIRA, P. 1979. *Crestomatia Románica Medieval*. Madrid: Cátedra.
- NETO, S. da Silva 1957. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livro Técnico. 1977 (2ª edição).
- PAXECO, E. 1943. "Nótula sobre negações duplas em português". *Revista da Faculdade de Letras* 10:284-292.
- PELLEGRINI, G. B. 1977. "Poesie inedite in antico bellunese di B. Cavassico". *Studi di Dialettologia e Filologia Veneta*. Pisa: Pancini. 287-335.
- PERES, J. A. 1994. "Concordância negativa através de fronteiras frásicas". *Actas do X Encontro Nacional da APL*. 435-451.
- POLLOCK, J.-Y. 1989. "Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP". *Linguistic Inquiry* 20:365-424.
- POSNER, R. 1984. "Double Negatives, Negative Polarity and Negative Incorporation in Romance: A Historical and Comparative View". *Transactions of the Philological Society*. 1-26.
- POSNER, R. 1984. "Post-verbal Negation in Non-standard French: A Historical and Comparative View". *Romance Philology* 39:171-197.
- RIZZI, L. 1982. "Negation, Wh- Movement and the Null Subject Parameter". *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Cinnaminson. 117-184.
- ROORYCK, J. 1994. "On two Types of Underspecification: Towards a Theory Shared by Syntax and Phonology". *Probus* 6:207-233.
- SAID ALI, M. 1931. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. S. Paulo: Melhoramentos. (2ª ed. melhorada e aumentada de *Lexicologia e Formação de Palavras* (1921) e *Syntaxe do Português Histórico* (1923)). 1964 (7ª edição).
- SÁNCHEZ de ZAVALA, V. 1973. "Comparing Comparisons and Comparatives". Inédito.
- SÁNCHEZ VALENCIA, V., van der Wouden, T. e ZWARTS, F. 1993. "Polarity and the Flow of Time". A. de Boer, J. de Jong e R. Landeweerd, eds. *Language and Cognition* 3. Groningen. (Yearbook 1993 of the research group for Theoretical and Experimental Linguistics of the University of Groningen). 209-218.
- SCHAFFER, R. 1995. "Negation and Verb Second in Breton". *Natural Language and Linguistic Theory* 13:135-172.
- VÄÄNÄNEN, V. 1979. *Introducción al Latín Vulgar*. Madrid: Gredos. (Trad. de *Introduction au Latin Vulgaire* (1967), Paris: Klincksieck).
- VALLDUVÍ, E. 1994. "Polarity Items, N-words, and Minimizers in Catalan and Spanish". *Probus* 6:263-294.
- WAGENAAR, K. 1930. *Étude sur la Négation en Ancien Espagnol jusqu'au XVème Siècle*. Groningen / La Haya.
- van der WAL, S. 1996. *Negative Polarity Items and Negation*. *Tandem Acquisition*. Groningen: Groningen Dissertations in Linguistics 17.
- von WARTBURG, W. 1952. *La Fragmentación Lingüística de la Romania*. Madrid: Gredos. 1970 (1ª reimpr. da 2ª ed.). (trad. de *Die Ausgliederung der romanischen Sprachräume* (1950), Berna).
- van der Wouden, T. 1993. "Polarity and 'Illogical Negation'". M. Kanazawa and C. J. Piñon, eds. *Dynamics, Polarity, and Quantification*. Stanford: CSLI.
- ZANUTTINI, R. 1994. "Re-examining Negative Clauses". G. Cinque, J. Koster, J.-Y. Pollock, L. Rizzi, R. Zanuttini, eds. *Paths Towards Universal Grammar. Studies in Honor of Richard S. Kayne*. Washington D.C.: Georgetown University Press. 427-451.
- ZWARTS, F. 1995. "Three Types of Polarity". F. Hamm e E. Hinrichs, eds. *Plural Quantification*. Dordrecht: Kluwer.